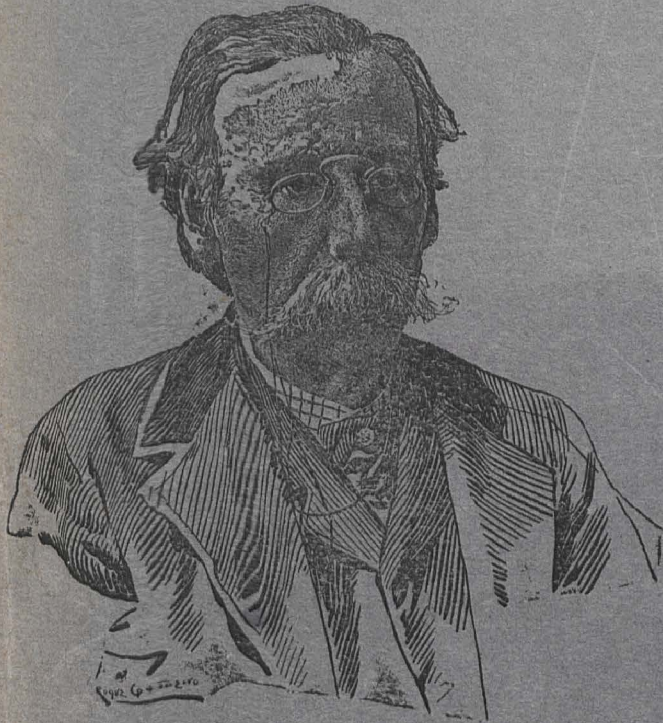


N.º 1

# Camilliana



ARQUIVO DE MATÉRIAS

PARA UM MONUMENTO

LITTERARIO AO GRANDE

\*\*\* ESCRIPTOR \*\*\*

CAMILO CASTELLO BRANCO

VENDA EM TODAS AS LIVRARIAS  
DO PORTO E LISBOA

Preço, 250 réis.  
Pelo correio, 280

# CAMILIANA

Director, editor e proprietario,

**Alfredo de Faria**

Redacção: RUA FORMOSA, 199 — PORTO

Typographia Minerva — Villa Nova de Famalicão

J  
5519

## SUMMARIO

CAMILIANA	
Camillo Castello Branco . . . . .	MELLO FREITAS.
Estudos da Velha Historia Portu- gueza . . . . .	CAMILLO E DR. FRANCISCO MARTINS SARMENTO. CAMILLO C. BRANCO.
O Teu retrato, soneto . . . . .	
O «Tirant lo blanch» . . . . .	
A Infanta capellista . . . . .	EDUARDO SEQUEIRA.
Camillo Castello Branco — Vis- conde de Correia Botelho . . . . .	PINHEIRO CHAGAS. CAMILLO C. BRANCO.
N'um album, poesia . . . . .	EDUARDO DUARTE.
Alexandre da Conceição . . . . .	CAMILLO C. BRANCO.
O meu condiscipulo . . . . .	HENRIQUE MARQUES.
Um Soneto de Camillo . . . . .	CAMILLO C. BRANCO.
A maior dor humana, soneto . . . . .	
Ligeiros apontamentos para os Aventos de Camillo . . . . .	JORGE DE FARIA. SEBASTIAO LIMA.
«O Morgado de Fafe amoroso» . . . . .	
Camillo no Brazil — Festa em sua homenagem promovida e realizada pelo Gremio Repu- blicano Portuguez, do Rio de Janeiro . . . . .	
— Quem responde?	
— Ligeiros apontamentos sobre a tradução italiana do «Amor de Perdicao» . . . . .	LUIZ FERREIRA DE LIMA. CAMILLO C. BRANCO.
Traços de ideias . . . . .	

Recebem-se e agradecem-se todas as communicações  
que se relacionem  
com a indole e intuitos d'esta publicação



## O Tripeiro

Quando, em 1 de Julho  
de 1908, sahiu á luz o pri-  
meiro numero d'um jornal  
que tomára para titulo a  
alcunha por que são vul-  
garmente conhecidos os por-  
tuenses, houve um natural  
movimento de surpresa e  
de espanto pela audacia de

quem assim ousava arrostar com a indignação d'uma  
cidade inteira.

A impressão, todavia, fôra passageira, porque era  
precisamente esse jornal que vinha mostrar a quem  
o não sabia, ou a quem já o tinha esquecido, que  
tal alcunha, longe de ser affrontosa, era a consequen-  
cia logica d'um dos mais brilhantes actos de genero-  
sidade do povo do Porto,

... leal cidade, d'onde teve  
origem (como é fama) o nome eterno  
de Portugal...

para com um seu filho que a brilhante commemora-  
ção do seu quingentenario consagrrou devida e impe-  
recivelmente.

*Boa sua Ep. - Presado Amigo  
Em Alberto de Moraes  
homenagem  
do C. I. Porto*

Não será preciso dizer mais para se recordar que esse portuense illustre era o glorioso Infante D. Henrique, filho de D. João I.

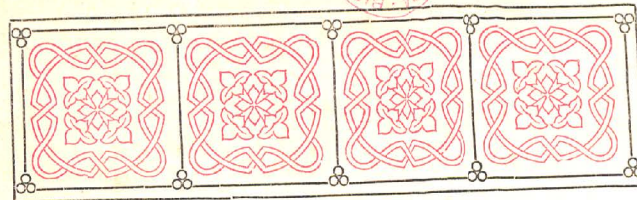
A elle se devê o forte impulso que tiveram as sciencias e a navegação, no seu tempo, de que resultaram notaveis expedições guerreiro-maritimas que deviam collocar tão alto o nome lusitano e contribuir para o engrandecimento do poderio territorial do paiz, pelas terras de além-mar, já que nas do continente tinham ido até ao extremo as possibilidades d'essa expansão.

Annunciado o apercebimento da primeira expedição a Ceuta, os burguezes do Porto, mal o souberam, não desmentindo a sua fama de audazes e intrepidos, quizeram ser os primeiros a cooperar no grandioso sonho do Infante, e, á sua custa, apparelharam uma poderosa armada de mais de setenta embarcações, que em 1415 pôde sahir galhardamente pela barra do Porto fóra em busca de gloria para a nação e de mais um florão para a coroa real.

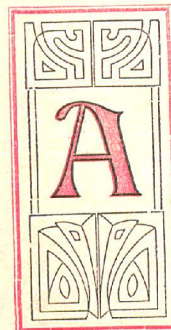
Para abastecer tão numerosa esquadra não foi das mais apoucadas a generosidade dos portuenses. Não quiz ella que a falha de viveres pudesse crear obstaculos ao bom exito da aventura. Mandou abater um enorme numero de cabeças de gado bovino com cuja carne limpa abasteceu prodigamente as dispensas das embarcações, de modo que chegasse para longo praso, e reservou, para a alimentação dos que ficaram, os miudos do gado, as **tripas**, como vulgarmente se lhes chama, com que cosinharam este celebre petisco culinario, muito apreciado dos portuenses.

Eis aqui a origem do honroso apodo de **tripeiros**.

*(Segue na pagina 3 d'este capa)*



## “CAMILIANA,”



biographia de Camillo está feita. E' certo. Mas não está completa. Ha n'ella falhas que é necessario preencher, lacunas que é preciso cobrir, sombras espessas que é indispensavel aclarar.

Estão traçadas as grandes linhas da vida affligida de dôres e angustiada de infortunios do escriptor ingente, cujo vulto collossal se altêa sobre o massiço e inabalavel pedestal de gloria da sua obra immensa. Mas falta avivar os contornos, esclarecer pontos escuros, desemmaranhar lances confusos. No drama que teve um desenlace de tragedia, ha scenas que se teem conservado obscuras. Desentenebrece algumas é o fim d'este livro sincero. Escrevendo-o, procurarei apenas alumiar alguns recantos da via dolorosa percorrida por Camillo, argamassando pequeninas pedras no socalco do monumento que ao maior escriptor portuguez dos tempos modernos, braços mais musculosos e mãos mais destras que as minhas, hão de um dia erigir.

(Snr. ANTONIO CABRAL, no prefacio do seu interessantissimo livro *Camillo do Perfil*, publicado em 1914).

Poucas palavras bastam para explicar os intuitos da publicação que hoje iniciamos. Propõe-se ella enfeixar nas suas

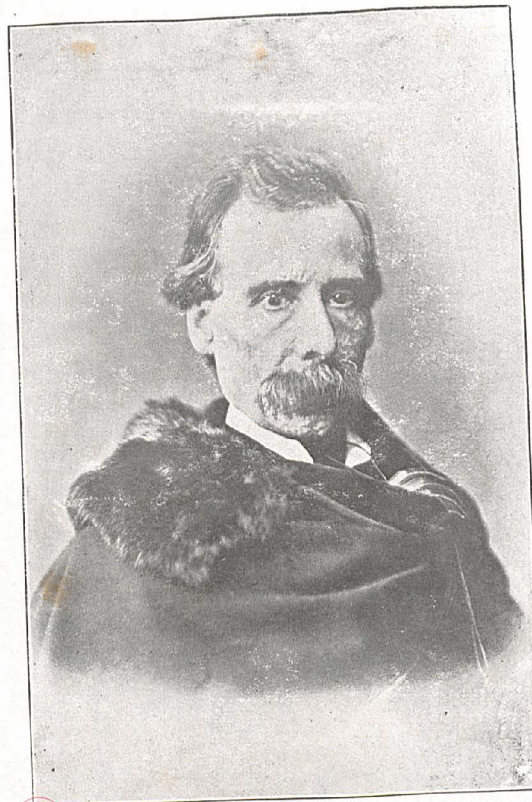
R. e 157140

paginas, o mais que lhe fôr possível, do muito que, pró e contra Camillo Castello Branco e a sua obra, se escreveu em Portugal e no Brasil, e, sobretudo, o muito que da lavra do grande escriptor—o maior de todos, no dizer de Silva Pinto, jaz sepultado nos arcanos pulverulentos das bibliothecas, disperso pelos periodicos e revistas do seu tempo, e que, por desconhecimento ou pela difficuldade na consulta, não podem ser lidos, nem apreciados pela numerosa pleiade dos seus admiradores, que vive afastada dos centros em que jazem taes preciosidades, ou que não tem tempo para ir em busca d'ellas.

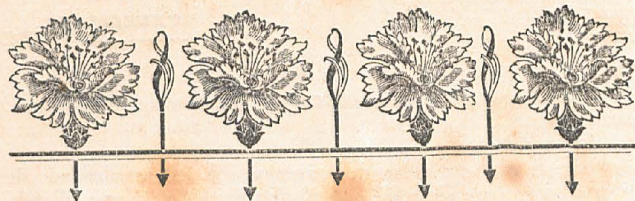
Por mediação d'esta *Camilliana*, essas difficuldades ficarão, pouco a pouco, attenuadas, e os estudiosos em condições de melhor conhecer Camillo.

No seu programma está a reedição de interessantissimos folhetins que deram ecco e que marcaram uma epoca com o seu apparecimento, está a resurreição d'aquellas tremendas controversias e pugnas litterarias que tanto compraziam ao Mestre, está a evocação de muitos factos olvidados, a desentenebração de muitas obscuridades e o desmascaramento de allusões encapotadas a homens e a coisas coevas, de que vem recheada a sua obra e só comprehensíveis da geração hodierna com o auxilio seguro de quem as commente ou explique.

Este archivo procurará tambem ser o ponto de concentração e convivio de todos os que professam o culto camilliano. E já que os poderes publicos, systematicamente, regateiam a esta gloria nacional o monumento em bronze que ha muito lhe devia ter sido erecto, honrem os seus admiradores a divida contrahida para com elle pelo paiz, erigindo-lhe condigno monumento litterario para o qual, devotadamente, estamos aqui accumulando preciosos materiaes.



CAMILLO CASTELLO BRANCO  
EM 1870



## Camillo Castello Branco

(Para a historia dos seus ultimos dias)



A natureza, prodigiosa nas suas manifestações, fez de Camillo Castello Branco um notabilissimo engenheiro, dando-lhe um condão de exprimir n'uma linguagem possante, cheia de imprevistos e surpresas, todos os sentimentos que agitam o coração do homem, desde as lagrimas até á gargalhada. Ninguem como elle teve ainda n'este paiz semelhante predominio. Os zoilos que se afoitavam a espicaçal-o, arrendiam-se breve da temeridade. Depois de servirem de pabulo á risola mais extraordinaria e de fazerem a triste figura dos habitantes de Liliput, quando, sem exito, crivavam de pequeninas setas as pernas de Gulliver, — atirados ás nuvens, manteados entre chalaças e conselhos, se lhes voltavam arrippios de coragem, então a prosa mais dura do que o aço, colhia-os nas engrenagens do machinismo, laminava-os e cuspi-os como massa informe no regaço da publicidade.

O ultimo periodo da sua vida revelou o seu definitivo triumpho. Alheio aos processos novos de fazer estylo, na epocha dos parnasianos e dos corypheus d'um realismo que vae de Balzac á pornographia, provou d'um jacto que, se não podia remodelar de *fond en comble* a sua maneira de desenho e pintura de paysagens e caracteres, ainda assim tinha folego para tirar partido das côres que lhe esmaltavam a paleta, revelando-se sempre um escriptor erudito com esfusiadas de graça, entre lampejos de tristeza commovente.

Era uma força, e quem quizer estudar a litteratura portugueza depois da quadra de Garrett, de Castilho e de Herculano tem de parar inevitavelmente diante de Camillo, como o mais fecundo e poderoso dos romancistas e polemistas portuguezes.

Camillo tem para o meu espirito um atractivo que se não apagará jámais.

Foi infelicissimo.

A vida custou-lhe ondas de tormentos. A sua sensibilidade de hysterico, como a de Gustavo Flaubert, deixou paginas d'uma afflicção em que se retrata.

O escarneo, que meffia constante em todas as linhas, é pessimo para grangear amigos. A desconfiança afastava-lhe adoradores, como alguns deuses de religiões do levante que se impõem apenas pelo terror.

Orphão aos nove annos de idade, não teve caricias de mãe que lhe bebesse as lagrimas dos seus primeiros desesperos mal soffridos, nem encontrou a mão segura e fiel d'um pae que o afastasse dos abysmos escancarados que a todo o momento ameaçavam devorar os incautos n'este longo e asperrimo trajecto da vida.

O seu brado era o de Job: *Quare de vulva eduxisti me?*— porque me trouxeste á luz, Senhor?

O infortunio pulsa-lhe nas contradicções e vehemencias dos mais sagrados affectos; a imprecação veste nos seus labios o vigor d'um supplicado que se estorce.

Entregue aos cuidados de uma tia que o bloqueava de castigos e desdem, teve de fugir pela serra do Marão, agasalhando-se n'uma estalagem posta na montanha.

Os creados que o buscavam, forçaram-no a regressar, e acabrunhado de desgostos que o traziam, adolescente, n'uma hallucinação vaga de esperanças, dirige-se com dezoito annos incompletos a Lisboa, em busca d'esse Potosi estanque que se chama a gloria.

Reconduzido a Villa Real foi então viver para casa de seu cunhado Francisco José d'Azevedo, onde um sacerdote de piedade e illustração começou desbravando aquelle espirito, cheio de vivacidade, mas irrequieto, oscillante, impregnado de duvidas, propenso a aventuras.

Quando ultimamente se publicaram, sob o titulo exacto de *Delictos da mocidade*, as primeiras tentativas litterarias de Camillo, o grande escriptor consentiu na edição, declarando que se não envergonhava de *ter sido um rapaz ignorante*.

Os mesquinhos trabalhos que formam o volume justificam plenamente aquella informação authentica.

Depois de ter cursado anatomia na escola do Porto, foi para Coimbra, d'onde uma doença pertinaz o afastou.

Guerrilheiro no bando de Mac-Donell, quando a nação se ensaiava para sacudir o jugo cabralino, viu dispersas e fugidias as breves hostes em que se alistára.

De 1849 datam os seus esforços de folhetinista e a sua matricula definitiva entre os escriptores do paiz.

Os cento e vinte livros firmados por Camillo Castello Branco são prova de como o estudo e a applicação transformaram a ave implume n'uma aguia sobranceira e altiva, que, com a sua envergadura, dominava

serenamente os ares, ou descia como relampago sobre os zotes adversarios da sua dextreza, divertindo-se por desfastio a arrancar-lhes as pennas com os gryphos açacalados.

A sua existencia decorreu entre a admiração e a inveja que espalhava. A sua mordacidade vibrante, implacavel, circumdava-o d'uma atmospheria de terror.

Respeitavam aquelle estylete audacioso que meffia no entrecho dos romances os escandalos e segredos da epocha.

As suas cartas d'amores e até a sua physionomia expressiva, mordida da variola, deram-lhe a lenda d'um *homem fatal*, a cuja eloquencia e seducção todas as mulheres cediam.

Algumas rivalidades de salão houve que liquidal-as no campo da honra, e contra um morgado da provincia, que nas ruas do Porto o aggredera, disparou um tiro, felizmente sem resultado funesto.

De 1859 a 1861 embrenhou-se n'uma aventura d'amor, que lhe trouxe mezes de cadeia, e mais tarde uma esposa, a Ex.<sup>ma</sup> Snr.<sup>a</sup> Dona Anna Placido, actual Viscondessa de Correia Botello (1).

Depois de ter escripto a *Divindade de Jesus*, as *Horas de Paz*, e ter traduzido os *Martyres*, o *Genio do Christianismo*, *Jesus Christo perante o seculo*, etc., deu á estampa volumes hereticos, a regorgitar de motejos, esplendidos de graça!

Os vinte e tantos annos que passou em S. Miguel de Seide não lhe foram sem nuvens.

Além da calumnia que nunca deixou de o investir, de varias questões com os editores e das refregas litterarias, de que sahia vencedor, embora, mas que o mortificavam, a loucura apoderou-se de Jorge, o filho amantissimo de Camillo, e por ultimo uma terrivel molestia nervosa acarretou contra o indefesso escriptor a peor consequencia, o mais odioso de todos os soffrimentos — a cegueira.

Agora calculem que torturas padeceu esse homem genial, esse luctador de raça que entre as maiores dores physicas teve sempre a ironia a colorir o azedume da intoleravel desgraça que o cingia como cilicios.

A sua vastissima obra ha-de ser lida emquanto existir quem se extasie perante as bellezas e recursos do nosso idioma patrio, mas essa obra complexa, em que se photographa a sociedade portugueza, deve ser interpretada sob esta luz: Camillo Castello Branco foi verdadeiramente infeliz.

Henri Heine resignou-se com a cegueira. Tinha apêgo á vida. Se no *Livro de Lazaro* lhe escaparam phrases como esta:

«O' campa, és o paraizo dos ouvidos melindrosos e espavoridos do ruído plebeu das turbas. Bello é o morrer, mas melhor seria não ter nascido.» (2).

(1) O auctor escrevia em 1890. D. Anna Placido, ha já muitos annos que não pertence ao numero dos vivos. (Nota do collector).

(2) Traducção de Camillo. Vide *Quatro horas innocentes*, pag. 58.

Logo recahia n'uma doce blasphemia, e no encanto da existência, apesar dos espinhos dolorosíssimos; assim recommendava que o levassem ao peitoril, *d'onde já que não podia vêr Paris, ao menos o escutava.*

Camillo morreu na brecha. Tendo de quebrar a penna com que escrevia, preferiu matar-se.

Esta ideia do suicidio era n'elle tenção formada ha muito.

Em carta a Freitas Fortuna dissera-lhe:

«Pergunta-me o meu amigo: chegado a esse extremo de extraordinario soffrimento, porque te não matas?»—Respondo: Não posso; Deus não quer (!).

Esta hesitação foi ainda uma consequencia da sua exagerada sensibilidade e da sua primitiva educação. Incerto entre a duvida e a crença, desejando um milagre, ou escumando de raiva, o martyrio que o enleava desenha-se n'aquella discussão de vida ou morte.

Desenganado dos medicos, o grande escriptor, que ainda dictára um livro *Nas Trevas*, não pôde conformar-se com o peso da sua desgraça.

Vivêra sempre do seu trabalho, tão assiduo e fecundo que assombra; não quiz capitular diante da generosa pensão que as côrtes lhe votaram.

Assim como nunca mendigára um emprego e se sustentára sempre independente e livre pelo fulgor do seu talento, assim tambem quando leve de despedaçar a penna gloriosa com que assignára tantas obras admiraveis, renunciou á vida n'um desprezo que tem bastante de sublime.

No dia 21 de Maio, Camillo escrevera, ou antes, dictára, porque o escrever lhe era defeso ha muito, a seguinte carta, dirigida ao meu illustre amigo e patricio o Dr. Edmundo de Magalhães Machado:

III.<sup>mo</sup> Ex.<sup>mo</sup> Snr.

*Sou o cadaver representante de um nome que teve alguma reputação gloriosa n'este paiz durante 40 annos de trabalho.*

*Chamo-me Camillo Castello Branco e estou cego.*

*Ainda ha 15 dias podia ver cingir-se a um dedo das minhas mãos uma flammula escarlate. Depois, sobreveio uma forte ophthalmia que me alastrou as córneas de tarjas sanguineas.*

*Ha poucas horas ouvi lêr no «Commercio do Porto» o nome de V. Ex.<sup>a</sup> Senti na alma uma extraordinaria vibração de esperança.*

*Poderá V. Ex.<sup>a</sup> salvar-me? Se eu pudesse, se uma quasi paralyisia me não lisses acorrentado a uma cadeira, iria procura-lo. Não posso. Mas poderá V. Ex.<sup>a</sup> dizer-me o que devo esperar d'esta erupção sanguinea n'uns olhos em que não havia até ha pouco uma gota de sangue?*

*Digne-se V. Ex.<sup>a</sup> perdoar á infelicidade estas perguntas feitas tão sem cerimonia por um homem que não conhece.*

*Casa de V. Ex. — S. Miguel de Seide, concelho de Famalicão, 21 de Maio de 1890.*

(!) Notas aos *Delictos da mocidade*, pag. 226.

A 26 de Maio, dirigiu-se-me directamente, na seguinte carta, que me deixou muito impressionado:

... Snr. Joaquim de Mello Freitas

*Em tempos relativamente felizes me deu V... a honra das suas relações. Hoje que a minha desgraça é enorme, recordo-me do seu nome, da sua intelligencia e do seu coração para vir pedir-lhe um favor.*

*Escrevi ao Dr. Magalhães Machado, patricio de V... acerca da minha cegueira, na esperança de que elle pudesse operar o milagre de me restituir, não a vista que tive, mas a bastante para me descorfinar a treva que haverá dois mezes se fez completa nos meus olhos. O Dr. Magalhães Machado respondeu-me de modo que me deixou sentir a delicadeza do seu espirito e a sua commiseração pelos meus padecimentos.*

*S. Ex.<sup>a</sup> pedia-me um relatório da minha doença; ella porém é tão complicada e variada no transcurso de 40 annos, que eu só interrogado por um medico poderia responder e esclarecer satisfatoriamente o exame.*

*Disse-me S. Ex.<sup>a</sup> que sendo curavel a minha enfermidade, eu iria tratar-me em Aveiro. Seria para mim, n'esta conjunctura, suprema felicidade ir para Aveiro na esperança de ser curado; isso porém só eu poderia praticar-o, no estado de prostração em que me encontro, se o snr. Dr. depois de me visitar em S. Miguel de Seide, achasse passivel a minha cura.*

*Elle fez-me sentir a impossibilidade actual de abandonar os seus clientes para se encarregar de um doente tão afastado e carecido da presença do medico e tratamento vagaroso. Mas se a visita que eu peço ao medico é só uma e decisiva, quer para o tratamento, quer para o abandono da molestia incuravel, essa visita poderá talvez o snr. Dr. prestar-m'a, sacrificando-se ao mais infeliz dos doentes que se teem soccorrido de S. Ex.<sup>a</sup>*

*No caso feliz de que V... pudesse mover-o e commover-o a vir a S. Miguel de Seide, teria V. a bondade de me prevenir do estipendio com que me cumpre remunerar tão trabalhosa jornada em que além do caminho de ferro ha uma legoa de mau caminho, conquanto se faça de carruagem desde Famalicão até Seide.*

*Estou certissimo de que V... dará toda a consideração a esta carta dictada por um cego, e na volta do correio, se for possivel, me dará a resposta que me levante d'este desalento que me vae levando ao suicidio, se a Divina Providencia me não deixar morrer como em geral morrem os felizes e os desgraçados.*

De V....

Admirador affectivo e muito obrigado,

*Casa de V. — S. Miguel de Seide, 26 de Maio de 1890.*

Camillo Castello Branco.

Fui logo procurar o Dr. Edmundo Magalhães pedindo-lhe com instancia que fosse visitar Camillo Castello Branco, o que elle me prometteu fazer dentro d'aquella semana.

Respondi ao grande romancista, dando-lhe parte do que succedêra.

A impaciencia de Camillo manifesta-se no telegramma que recebi a 28 do alludido mez:

*Peço favor avise chegada Dr. para mandar carro á estação.*

Enderecei-lhe segunda carta communicando-lhe a boa noticia de que no domingo ás 11 horas da manhã o Dr. Edmundo Magalhães estaria em Villa Nova de Famalicão, e reiterava-lhe os meus votos de felicidade e profunda estima.

No dia 30 recebi outro telegramma, cujo texto é o seguinte:

*Bem haja pelas suas cartas.*

As cartas que ahi ficam transcriptas, e tantas que escreveu o grande romancista entre dôres excruciantes, e longas afflicções moraes, provam hoje a tenção formal, que elle acariciava, de se desapossar d'uma vida que lhe estava pesando como fadiga e stygma de galeriano. Fizera do seu revolver *bull-dog* um companheiro inseparavel.

Quasi me não surprehendeu por isso a noticia que recebi no dia 1 de junho da morte do glorioso romancista.

Daudet compara a gloria a um charuto que algumas vezes se fuma do lado do fogo.

Henri Heine, cujo infortunio eu teimo em achar semelhante ao de Camillo, embora o desenlace fosse diverso, viveu oito annos em horrivel agonia e ao approximar-se-lhe a morte, perguntando-lhe um amigo se estava em boas relações com Deus, disse com pallido sorriso:

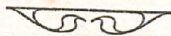
— Sim, Deus me perdoará; é o seu officio (!).

Não duvido que o Eternô Poder, contra a expectativa dos fanaticos, perdoará a Camillo as suas blasphemias de exterminio tendo em attenção o pavoroso martyrio que atravessou.

Aveiro, 28 de Junho de 1890.

MELLO FREITAS.

(!) Albert Wolff—*La Gloire à Paris.*



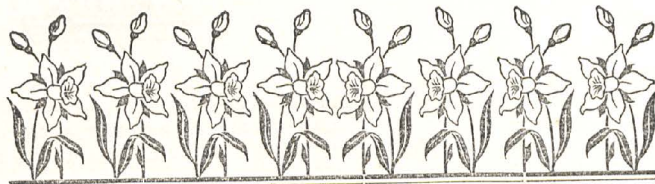
### Traços de ideias

Quando leio certos livros, lembra-me Lacordaire. Lia este illustre pré-gador as famigeradas *Lettres persanes* de Montesquieu, e disse que não encontrára nada de admiravel a não ser *la pauvreté, qu'il y a dans tant d'esprit.*

\*

O amor é a luz; a vida é a sombra. Quando a luz se apaga, a sombra desfaz-se.

CAMILLO CASTELLO BRANCO (no *Obolo ás creanças*).



## ESTUDOS DA VEIHA HISTÓRIA PORTUGUEZA



fallecido Dr. Francisco Martins Sarmento, erudito homem de sciencia e infatigavel investigador archeologico da Citania de Briteiros, no concelho de Guimarães, e pessoa muito da intimidade de Camillo, lembrou-se um dia, n'um momento de bom humor, de lhe propôr, por brincadeira, architectarem, de collaboração, o trabalho historico que vae lêr-se. Camillo, achando graça á proposta, acolheu-a jovialmente e poz logo mãos á obra escrevendo o primeiro artigo.

D'este passatempo entre os dois talentosos escriptores resultaram umas tantas cartas, cinco são ellas, em estylo de chronica dos tempos idos, mirabolante de anachronismos e phantasia, despejadamente mentirosa, á guiza das quaes escrevêra o historiador Frei Bernardo de Brito, que abonava a veracidade dos successos patranhosos que relatava, com o peso de documentos e auctoridades que só existiam na sua fertil imaginação, e que elle citava a todo o momento com o maior desplante.

Camillo em homenagem a tal patrono assignou as suas notulas com o pseudonymo de Egresso Bernardo de Brito Junior e o Dr. Martins Sarmento o de F. Fagundes.

Estes estudos humoristicos foram pela primeira, e unica vez, publicados em 1887 n'um livro intitulado *Obolo ás creanças*, generosamente offerecido pelos seus auctores, para o seu producto redundar em beneficio do Real Hospital de creanças Maria Pia e da Creche de S. Vicente de Paula, do Porto. Foi gratuitamente impresso por todas as typographias d'esta cidade, mas por desavenças havidas entre um dos collaboradores e alguns membros



dos Corpos Gerentes dos estabelecimentos de caridade que beneficiava, esteve por muito tempo retirado da circulação.

Basta de explicações. Os leitores dispensam-n'as bem, anciosos por apreciar esse trabalho menos conhecido de Camillo e Martins Sarmento. Passamos ao prologo.

Pueri ludunt.

Arte do Pereira.

.....  
 Quem hoje organizar uma *Historia de Portugal* vasada nos moldes largos e pittorescos do historiador immortal frei Bernardo de Brito, podia contar com mais 10:000 subscriptores do que o sr. João Bonança, historiador critico da Lusitania e da Iberia.

Aquelle monge cisterciense era genio portuguez de raça, com a mais imbrincada phantasia bysantina, e um amor de patria que transpunha as fronteiras do reino e as do senso commum. Ora, a alma portugueza, desde Frei Bernardo de Brito até nós, não mudou, graças a Deus. Alexandre Herculano quiz abrir-lhe o pedestal; mas a clerisia e você também <sup>(1)</sup> pozeram hombros á estatua, e elle manteve-se inabalavel como a envergadura de bronze da Memoria do Terreiro do Paço.

Vocês, os escriptores, os jobs d'esta luza arabia, não sabem aproveitar-se da indole nacional para beneficiarem as suas algibeiras de litteratos portuguezes de lei, e que, se não são

d'antes quebrar que torcer,

como o homem honrado de Sá de Miranda, é porque estão sempre quebrados. Póde ser que os senhores tenham cerebro normal e rico de ganglios cinzentos, póde ser; mas para amanho da vida não me parece que tenham a caixa craneana mais cheia que a caveira de Iorick, que tanto fez scismar o telhudo Hamlet.

Porque não tenta você alguns ensaios de historia patria até se habilitar para um corpo historico que prenda homogeneamente com a *Chronica de Cister*, e com os primeiros tomos da *Monarchia Lusitana*? Eu lhe garanto a independencia e um fim de vida de Nababo, se você conseguir captar a curiosidade dos luscos nos quaes ainda referve o sangue escandecido dos Magriços e dos Barrigas. Tente. Experimente.

(Carta de um sabio inedito).

<sup>(1)</sup> Allusão pouco generosa a um folheto, felizmente esquecido, intitulado «O Clero e o sr. A. Herculano», Lisboa, 1850.

## Notas da velha Historia Patria

A Francisco Martins Sarmento

Saude e Archeologia.



CONTA eruditamente um jornal de Braga, encomiando as proezas dos seus antigos arcebispos, que, em 1336, reinando Affonso XI em Castella e Affonso IV em Portugal, transpuzeram as fronteiras portuguezas dois capitães do reino da Galliza, D. Fernando Rodrigues de Castro e D. João, seu irmão, com muita gente de armas. O arcebispo D. Gonçalo Pereira, considerando insufficiente a guarnição de Braga para a resistencia, fugiu sobre o Porto com os seus alabardeiros, a unir-se ao mestre da Ordem de Christo, frei Estevão Gonçalves, e ao bispo portuense D. Vasco Martins. Os tres caudilhos arregimentaram uma hoste de 1:400 homens, infantas e cavalleiros. Informados os castelhanos da força que lhes vinha ao encontro, a meio caminho de entre Braga e Porto, retrocederam, dispostos a recolherem á Galliza com um grande saque feilo nas terras que talaram sanguinariamente; porém, os dois prelados e mais Fr. Estevão carregaram sobre os fugitivos tão açodadamente que lhes mataram um dos capitães, D. João de Castro, com muitos soldados, e se appossaram do espolio roubado. O resto da hoste castelhana internou-se de tropel e despedaçada na Galliza.

Esta façanha dos dois prelados decerto a não referiu o jornal bracearense para captar a nossa admiração pelas christãs virtudes do arcebispo Gonçalo Pereira e do bispo Vasco Martins. Religião de Braga á parte, o historiador quiz provavelmente esboçar uma feição do alto clero portuguez no seculo XIV, e dar a perceber que os montantes, armazenados nas sacristias das cathedraes, eram, nos conflictos da independencia lusitana, os esteios mais poderosos da dynastia Affonsina; e que os ultimos lampejos d'essas laminas de Toledo faiscou-os o sol africano nas espadas dos valorosos prelados que pereceram em Alcaçar-el-Quibir primeiro que o seu rei dementado por elles.

Propostas as considerações de philosophia historica contingentes da referida façanha, ajuntarei á noticia do jornal braguez pormenores relativos a esse passo de armas que muito elucidam o episodio, mal conhecido dos nossos historiographos.

Os caudilhos hespanhoes D. Fernando e D. João de Castro estanceavam na ponte da Lagoncinha quando souberam a força respeitavel com que os prelados sahiam do Porto. Retrocederam sobre Braga, resolvidos a roubar de passagem o que tinham deixado, na esperança de fazerem maior saque na já enfão rica cidade do bispo D. Vasco. N'este proposito, logo que chegaram a Braga, atacaram o Banco do Minho, arrombaram o cofre, e ensacaram alguns alqueires de libras, massos de notas, títulos, letras, promissorias, baixellas de oiro e prata, e escrínios de joias empenhadas, das principaes familias. Depois, D. Fernando, que era já velhote e um pouco glutão, lembrou ao mano que comessem alguma coisa em Braga, porque d'alli até á Galliza não achariam estalagem decente. Eu disse que D. Fernando Rodrigues de Castro era velho, porque D. Ignez de Castro, que n'esse anno, 1336, teria dez annos, era sua neta.

Resolveram, pois, ir aos *Dois amigos* comer frigideiras, emquanto a sua gente de armas, a preço de cutiladas, arranjava que almoçar nas casas dos bracarenses tranzidos de medo.

Os Castros iam já na duodecima frigideira quando os sobresaltou o aviso de que se ouviam as charamellas do arcebispo nas voltas de Macade, e a banda musical das Taypas trompejava o hymno do arcebispo nos desfiladeiros da Falperra. Cavalgaram acceleradamente, e esporearam os ginetes para a Senhora-á-Branca, em direcção a Carvalho de Este.

Era tarde.

Na Senhora-á-Branca morava um chapeleiro de alcunha o *Fatixa*. Tinha um filho que estudava theologia moral com o conego Affonseannes, o qual abrira uma estudaria nas Travessas, onde hoje em dia, em vez de theologia, se estuda a physiologia no podre.

Affonseannes tinha dito aos seus discipulos que se armassem até aos dentes e fossem reunir-se á bandeira da mitra.

O filho do Fatixa comprou um revolver, marca *Bull-Dog*, de seis tiros, e foi para o Porto. Por sabidos atalhos, regressando a Braga, meteu-se em casa quando os Castros iam fugindo por baixo das janellas da fabrica. Fatixa pae estava ao lado do filho, no peitoril da janella, com uma bomba de dynamite e morrão acceso. Fatixa filho esperava os castelhanos com o dedo no gatilho. Eis que os dois Castros congestionados de frigideiras e pavor, apparecem na vanguarda da arrancada fuga. O theologo desfecha, e ao quinto tiro vasa um olho do cavallo que se empina escabriado pela dôr, e cae morto, entalando a perna direita de D. João de Castro. Em dois pergaminhos que conferi ha discordancia quanto á perna. Diz um que a perna entalada foi a esquerda, o outro diz que foi a direita. Fosse qual fosse,

quando o cavalleiro estava em terra, Fatixa Senior dardejou-lhe a bomba de dynamite a prumo, atravessando-o das costas ao peito, na opinião do Pergaminho n.º 1; que o Pergaminho n.º 2 diz que o atravessára do peito ás costas. Não é pois bem liquida a travessia da bomba na região thoracica do infeliz fidalgo gallego.

Assim acabou D. João.

Quanto a D. Fernando, avô da linda Ignez, esse salvou-se então dos sarracenos de Braga para ir morrer oito annos depois, na batalha de Algezirás, ás mãos dos bracarenses da Moirama (1344).

No seculo XV ainda florescia na Senhora-á-Branca os descendentes d'aquelles heroicos Fatixas, com a alcunha um pouco desfalcada por motivos que vou summariamente extrahir do Pergaminho n.º 3.

Paredes meias da fabrica dos Fatixas morava um industrial de chapéus que tinha quatro filhos, trez rapazes e uma rapariga. Este homem era dominado pela paixão da philarmonica, por atavismo. O avô d'elle havia sido trombeteiro de D. Pedro, o *cru*. (1357-1362). Seu bisavô, sineiro da Sé bracharensis, foi o creador inconsciente da raça de Quasimodos que ainda hoje se encarrapitam por todas aquellas torres da Roma portugueza e fazem orgias de badalo. O chapeleiro, desviado por interesses das artes lyricas, não tocava nada; mas mandou ensinar os quatro filhos. O mais velho tocava corneta de chaves; o immediato, rebecca; o mais novo aprendia harmonico, e a rapariga cravo. Todos quatro em aprendizagem eram uma quadrilha facinora que fazia epilepticos na visinhança.

O chantre da Sé, Mendo Fagundes, um sabio, dizia que os circulos do inferno de Dante comparados ao inferno instrumental d'aquella casa do chapeleiro eram um Colyseu dos Recreios. E o Fatixa ganhou tamanho horror á musica que, encontrando no seu appellido uma nota musical, *Fã*, amputou a nota e ficou simplesmente *Taxa*.

Esta alcunha, transpostos quatro seculos, ainda permanece nos honrados industriaes, gente pacata, cujos antepassados, esbatidos na neblina da ballada germanica, matavam cavallo e cavalleiro.

Aquella familia é hoje representada pelo dr. Taxa, de nome Ulyses, um clinico glorioso que, em vez de matar como seus avoengos, cura dosimetricamente os enfermos que tem fé nos arseniaes e na estrychnina ingrata aos cães.

Os documentos deshumanos d'estes ataques á propriedade, aos Bancos, á pacifica religião do Christo divino, ás vidas e ás orelhas dos visinhos, encontram-se no Archivo da mitra bracharensis, *Estante 7.º, Secção 19, Gaveta 22, maço 16 na Collectanea das massadas*.

O egresso BERNARDO DE BRITO JUNIOR.

## A Frei Bernardo de Brito Junior

*Subsidios para a historia das sociedades archeologicas em Portugal*



MAL sabe, um frade, o prazer que me deu com a leitura das suas *Notas da velha historia patria*. Uma coisa senti: foi que tão pouco dissesse de Mendo Fagundes. Eu possuo os trez pergaminhos a que se reporta, e vou extrair d'elles noticias tão curiosas e veridicas como as suas, visto estar provado que o publico se vae apeixonando pelos trabalhos de alta erudição.

Mendo Fagundes, o Olissiponense, como lhe chama o pergaminho n.º 3, era um sabio, diz frei Bernardo muito bem. Tinha, porém, uma mania, porque n'este ponto os sabios e os tolos assemelham-se como duas gottas de agua. Fallava n'elle, com certeza, a alma dos Viriatos, dos Reburros e Reburritos, e d'ahi uma irritação chronica ao vêr que as memorias d'aquelles tupinambás, como os figura o Herculano e o C. de F., eram vendidas aos estrangeiros, mal surgiam das entranhas da terra.

E' de advertir que n'aquella epoca pouco mais havia que partculares e irmandades, dadas áquelle lucrativo modo de vida.

Entre estas contava-se a de S. Cypriano, com o centro no berço da monarchia e a circumferencia da sua actividade até á raia secca e molhada. Foi com ella que o Mendo embirrou mais e não sem razão. Aquillo se não lhe cortam os voadoiros, era gente para não deixar um caco velho n'esta terra de Reburros.

Algumas vezes de dia, a maior parte das vezes de noite, lá andava por esses montes e valles uma troça d'aquelles cyprianistas com o livro do seu orago na mão, a competente vara de avelleira branca, um padre (esse ia por seu pé) e os demais pefrechos; e em sitio onde cheirasse a moiros, depois de traçados os circulos magicos, o sino-saimão e o resto, o diabo era intimado a apresentar os thesouros, que alli guardava escondidos. Por mais tempestades que elle fingisse, por mais espantosos que fossem os roncões dos trovões com que os instrumentasse, os nossos vimaranenses estavam cheios de conhecer aquellas fretas; apertavam o torniquete dos esconjuros em nome do Padre e do Filho, e o diabo não tinha outro remedio senão render-se. D'este modo a irmandade enchia-se de thesouros. A' primeira vista taes preciosidades faziam lembrar a feira da ladra; pedras com lettras sa-

fadas, azas d'uma panella de barro podre, pregos meio comidos, uns verdes, outros côr de ferrugem, a decima parte d'um nariz de metal, etc., etc. Sim; mas os estrangeiros sabiam que tudo aquillo era oiro encantado; trocavam-n'õ por oiro desencantado e levavam tudo. Era uma varredoira.

Mendo Fagundes sabia tudo e não cabe em prosa a historia do seu martyrio. Uma noticia surpreendente, com respeito á latitude e longitude geographica, foi a gotta de fel que fez desbordar o calix já cheio: os cyprianistas do berço andam já a esfossar perto de Bragança! perto da raia secca!

Era a verdade pura.

Como se vulgarizou a façanha d'estes fura-theouros, que deviam trabalhar mais de noite que de dia?

Aqui está como: dil-o o pergaminho n.º 4. O diabo andava já tão moido por aquelles massadores, e S. Cypriano tambem, que, quando algum d'elles assomava a distancia, o santo e o diabo fugiam que voavam, cada qual para o seu lado. Para sermos tão escrupulosos como frei Bernardo, devemos dizer que n'este ultimo ha uma duvida igual á da perna entalada de D. João de Castro. O pergaminho n.º 5 conta que o santo e o diabo fugiam para o mesmo lado.

Certo é que fugiam a tão bom fugir, que ninguem os podia apañar. Foi necessario portanto recorrer ao alvião e á enxada para desenterrar os thesouros do campo brigantino e á luz do dia; e aqui está como a noticia se foi espalhando e engrossando por todo o reino. O que se não inventou!

Cada cavadella trazia punhados de oiro em pó: as estatuetas de oiro, os vasos de prata, as joias não tinham conta. Era tudo pẽta; mas o Mendo Fagundes, quer dormindo, quer acordado, não via senão uma longa arreata de machos, choutando de Bragança para Guimarães e levando sobre os respectivos albardões aquellas preciosidades que os estrangeiros não tardariam a abocar.

Tomou a resolução do desespero. De certo por essa força que transporta montanhas a que uns chamam fé, outros teima, tanto fez, tanto deu, que obteve uma audiencia de el-rei, e, obtida a audiencia de el-rei, tanto deu, tanto fez, que lhe inoculou um atomo da sua indignação.

Era o bastante.

Reinava então D. Pedro I, que, como se sabe, tinha um genio tão inflammadiço e explosivo que o Fataxa podia fazer com elle melhores bombas de dynamite, do que fez.

Pelo que, mal a mostarda chegou ao nariz real, D. Pedro ga-guejou que ia correr já os bandidos a chicote e dava as primeiras passadas para a sua panoplia, onde havia chicotes que farte, quando Mendo Fagundes lhe pediu venia para fazer um discurso e propor um alvitre. Respondeu el-rei um pouco mal encarado, que escutava o alvitre; quanto a palanfrorio...

Para abreviar o incidente, d'esta celebre audiencia nasceu a não menos celebre carta regia, ordenando e mandando que "*nenhum em nossos regnos fosse ousado de catar cousas antigas*", pois que el-rei se reservava o exclusivo de as catar por si, ou pelos seus ministros. Esta ordenação não apparece nas collecções, porque, como todas as collecções, ellas colligem tudo, menos o que fica de fóra; mas, para encher estas lacunas, é que se escreveram os pergaminhos. Ella cá está no n.º 4.

E succedeu isto pouco depois.

Quando os cyprianistas de Guimarães estavam a puxar por um enorme calhau, que não queria sahir do seu covão, e onde se viam uns riscos que pareciam letras, o alcaide pequeno de Bragança chegou-se a elles e disse-lhes que se pozessem fóra d'ali. Como os pobres homens, estupefactos, ficassem parados a olhar uns para os outros, a auctoridade explicou-se mais e notificou-lhes que, se dentro em 24 horas não estivessem fóra do termo, os mandaria correr á mocada.

Antes das 24 horas fataes, os machos, com que sonhára Mendo Fagundes, choutavam de Bragança para Guimarães, carregados apenas com os albardões e estes com os maldadados exploradores. Chegados á sua terra, fez-se sessão magna na irmandade, para resolver em que officio haviam de empregar a sua actividade. Parecia que tinha bichos rabiadores aquella gente; não podia estar quieta. Duas propostas a seguir foram rejeitadas; a terceira, pelo contrario, teve uma volação á carga cerrada.

A proposta consistia em transformar a irmandade de S. Cypriano, advogado dos archeologos, n'uma irmandade de S. Chrispim, advogado dos sapateiros.

E viu-se depois que, no seu segundo avatara, todos os irmãos engordavam e enriqueciam, provando-se que, no primeiro, a venda das antiguidades aos estrangeiros não chegava a meia missa, e que a fallencia era certa, com as despezas das explorações, etc. A irmandade de S. Chrispim perpetuou-se até aos nossos dias e cada vez está mais florescente. Este caso tem muita moralidade.

Agora o fim da vida do pobre Mendo Fagundes. Os triumphos, alcançados na audiencia regia, amargou-os mais, do que se comesse laranjas do Ermo. Primeiro passo da paixão: havia na bibliotheca do Porto um alfarrabio com o titulo *Tirante al blanco*. Um hespanhol de Salamanca appetiteceu-o e, mettendo-se com um dos ministros, levou-o para a sua terra.

Mendo, que como sabio que era, sabia muito bem que o livro era *avis rara in ferris*, denunciou a el-rei o que se lhe afigurava um crime digno de força; el-rei chamou o ministro a contas, e o ministro provou a el-rei que fóra elle quem dera o alfarrabio ao salamanquino. E de facto esse curioso documento, assignado por el-rei, ainda hoje se vê na bibliotheca do Porto. El-rei tinha assignado sem lêr, e, para não dar a torcer o seu braço regio, disse que tudo estava muito bem feito.

N'um impeto de indignação, o Mendo não pôde deixar de rogar uma praga, que o medo estrangulou pelas alturas da larynge.

Segundo passo: uma rapariga de Penella, não tendo que fazer, poz-se a esquiçar na terra com a ponta de um pau e descobriu um argolão de metal amarello. Como a coisa tinha cara de muito velha, foi logo arrecadada na arca das antiguidades nacionaes. Mendo Fagundes, então em Lisboa, correu a examinar o argolão e descobriu n'elle o que só um sabio do seu tamanho poderia descobrir. Entre os arabescos, que o ornavam, havia uns riscos, dispostos de maneira que pareciam letras, e, lidas ellas de trás para diante, formavam o nome de Melkart.

Nenhuma duvida para o sabio Fagundes que a inscripção era phenicia. Sabio não seria elle, se ignorasse que os Phenicios escreviam defraz para deante. Melkart em phenicio significava o—rei da cidade.

Era claro; Melkart o rei da cidade, tinha perdido o argolão em Penella, quando viajava pela velha Lusitania e a preciosidade era d'essas, que não se pagam por dinheiro nenhum. Imagine-se o furor do nosso Mendo, quando em Braga, onde tinha ido chantrear, recebeu a noticia de que o impagavel argolão havia sido vendido a um principe estrangeiro, a pretexto de remendar o *deficit*, que já então tinha buracos de fazer medo! Mendo Fagundes não esperou por terceiro golpe; pegou em si e morreu. Morreu, trovejando esta praga: "Paiz de Reburros, tirando-lhe o Ré!" Até as suas ultimas palavras deram fructo. Porque é de saber que foram ellas que suscitaram ao Faxaxa a ideia de amputar o Fã ao seu appellido. N'este particular, frei Bernardo está mal informado; leia com attenção o pergaminho n.º 5. E assim se finou o Mendo Fagundes, que vivêra talvez muitos annos e bons, se não teimasse em morrer irmão de S. Cypriano e procurasse a tempo e horas o gremio de S. Chrispim. Que a lição não fique perdida, eis os nossos votos.

E, se fosse archeologo, havia de medital-a ao deitar e levantar da cama.

(Continúa).

F. FAGUNDES.

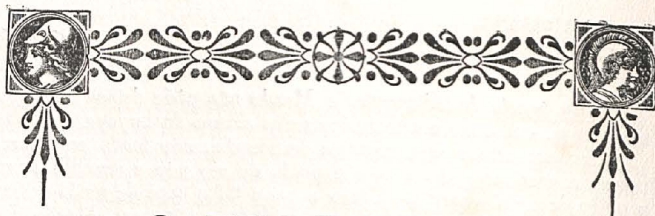


O symptoma infallível de morte proxima é perder-lhe emfim o medo quem por muito tempo a temeu.

\*

Desculpem-se os defeitos dos grandes espiritos. Só deixa de haver sombras onde não ha luz.

CAMILLO CASTELLO BRANCO.



## O TEU RETRATO

QUE linda és tu, oh luz da minha vida!  
Que doce me é com lagrimas banhar-te!  
Se eu pudesse, morrendo, a vida dar-te,  
Tu davas-m'a no ceu mais reflorida!

Não eras tu sem mim, oh flor, perdida?  
Ousariam mil mãos, oh flor, tocar-te;  
Mas nenhuma soubera o peito dar-te  
Onde a face encostasses esvahida.

Sou soberbo de ti; grande me sinto,  
Se a fé me diz que estou de ti amado,  
Com tanto amor em lagrimas distincto

Quem pode a mim chamar-me desgraçado?...  
Persiga-me um algoz de odio inextincto...  
Embora!... eis teu retrato!... estou vingado.

CAMILLO CASTELLO BRANCO.



## O "Tirant lo blanch",



F. FAGUNDES, ou seja, mascara fóra, o Dr. Martins Sarmiento alludiu na sua carta inedita ao egresso BERNARDO DE BRITO JUNIOR a um alfarrabio surripiado á Bibliotheca Municipal do Porto, e que dava pelo titulo que epigrapha estas linhas.

A allusão não é phantasia do chronista. O roubo deu-se e coonestado com apparencias da maior legalidade — privando a bibliotheca portuense e concomitantemente o paiz, d'uma verdadeira raridade bibliographica.

O alfarrabio pouco valor litterario poderia ter. Provavelmente era mais um d'aquelles indigestos pastellões, como muitos que nos legou o seculo XV, que apenas teem por si o merito da antiguidade.

Mas valia tanto pela sua raridade, que o alfarrabista londrino Bernard Quaritch marcou no seu catalogo o preço de 500 libras esterlinas, como quem diz 2:250\$000 réis com o cambio ao par, a um exemplar da mesma obra, mas de uma outra edição.

O *Tirant lo blanch* surripiado era um romance de cavallaria escripto em limosino ou catalão e o primeiro que foi publicado em tal idioma nos primeiros tempos da invenção da typographia.

Não se sabe como este livro veio parar até ao Porto. Talvez entre muitos outros volumes provindos de alguma livraria francesa, por occasião da extincção dos conventos.

Sabe-se, em compensação, que sahii em Janeiro de 1860, requisitado de Lisboa, por um officio emanado da Direcção Geral da Instrução Publica a pretexto de ser necessario examinal-o e com a promessa de que seria devolvido apenas tivesse satisfeito ao fim para que tinha sido pedido.

Nunca o devolveram, apesar do muito que as gazetas da epoca atacaram o governo e das interpellações que alguns deputados e pares do reino lhe fizeram nas duas camaras, apontando o facto do precioso incunabulo (!) ter ido enriquecer a bibliotheca do opu-

(!) Assim se chamam as obras impressas no seculo XV, infancia da imprensa.

lento Marquez de Salamanca, ardente colleccionador de livros raros e muito da amizade do Marquez de Saldanha, que foi quem, por um recibo seu, tomou perante o governo a responsabilidade da reentrega do livro catalão em tempo opportuno, tempo que nunca chegou.

O Marquez de Salamanca — D. José de Salamanca — era um capitalista hespanhol, empreiteiro de construcções ferro-viarias, tão importantes e numerosas que lhe grangearam o cognome de *Rei dos Caminhos de Ferro*. Sem a sua iniciativa, nunca Portugal veria concluída tão cedo a linha do caminho de ferro entre o Porto e Lisboa e entre Lisboa e a fronteira hespanhola.

Camillo Castello Branco, que redigia em 1868 a *Gazeta Literaria do Porto*, indignado por terem passado 8 annos sem que o volume voltasse para a Bibliotheca d'onde sahira, escreveu tambem o seguinte no n.º 16, pag. 151-152 d'aquelle jornal:

«*Tirant lo Blanch* — Aquelle inestimavel livro de cavallaria intitulado *Tirant lo Blanch*, e arditosamente transferido da Bibliotheca Publica do Porto para a bibliotheca particular do marquez de Salamanca, já hoje se mostra sem pejo nem rebuço entre as raridades bibliographicas do argentario hespanhol. Não nos parece digna de louvor a vaidade com que o snr. marquez permitiu que dois litteratos seus conterraneos, publicadores do *Ensayo de una biblioteca española de libros raros y curiosos*, estadessem a vangloria do possuidor d'um livro obtido por um processo desairoso, senão aviltante. Se o livro foi comprado, não é a compra desculpa, desde que ahi se ergueu um pregão deshonrosissimo para quem vendeu objecto estranho; se o livro foi meramente havido como dadia, não se liquidou ainda a preceito se eu posso dar o que não é meu sem que me chamem esbulhador da propriedade de outrem, e se a pessoa que me recebeu a dadia, depois que soube que ella era um furto, deva chamar-se receptadora da cousa que seu legitimo possuidor reclamou.

Como quer que seja, *Tirant lo Blanch*, o livro fraudulentamente levado da Bibliotheca do Porto, apparece desde 1863 realçando entre as maximas raridades typographicas do sr. marquez de Salamanca.

No douto e já referido *Ensayo* . . . , columna 1:191 do 1.º tomo, encontramos o seguinte artigo:

«1217 Tirant lo Blanch (Empieza este libro á la vuelta de la primera hoja con la tabla). A honor: laor: e gloria de la immensa: e divina bondad de nostre senyor deu ihesu christ: e de la sacratissima mare sua. comencen les rubriques del libre de aquell admirable Cavaller tirant lo blanch. (Al fin), fon acabada d'empremptar la present obra en la ciutat de Valencia a XX del mes de Nohembre del ay de la natiuitat de nostre senyor deu Jesu crist de mil ccccLxxxx (1490) Fol. i. g. (Bib. do Excmo. Snr. D. José de Salamanca).»

Tiraram, pois, a Portugal a sua mais rica joia bibliographica. Por 1:350\$000 réis comprou um amator inglez um exemplar. Quanto daria o hespanhol pelo exemplar da Bibliotheca portuense? Não será facil destrinçar estes segredos passados entre chatins de tão alto porte. O livro foi para Madrid. Em Portugal ficou... o opprobrio.»



## A Infanta Capellista



O começo do anno de 1872 Camillo Castello Branco fazia imprimir no Porto, na Typographia do snr. Antonio José da Silva Teixeira, na rua da Cancellia Velha n.ºs 62 a 70, um romance que tinha por titulo *A Infanta Capellista*.

Na escassa vida litteraria portuense, que então fazia pouso diurno na Praça de D. Pedro, segregava-se que o entrecho do trabalho do grande romancista se baseava na movimentada historia de uma pretensa filha de D. Miguel I, e que Camillo aproveitava a occasião para zargunchar desagradavelmente a Casa de Bragança, que o celebre escriptor, ao tempo, via com olhos exiguamente amigos.

O pouco que se sabia do livro em preparo, por incompletas inconfidencias dos intimos do indisciplinado bohemio que era o assombro e o terror do pacato burguez pé de boi da cidade da Virgem, bastava porém para fazer com que se commentasse gulosamente, nos diminutos recintos do cavaco da cidade tripeira, o escandalo em perspectiva, escandalo grosso, que viria dar um pouco de vida e animação á sorna bisbilhotice da paciente capital do norte.

La o livro, a que nos referimos, na oitava folha de impressão, quando, em 1 de março do anno de 1872, arribou de visita ao Porto o Imperador do Brazil, que, em viagem de estudo pela Europa, não quiz deixar de cumprir o filial dever de vir orar junto da urna que guarda o coração do Rei Soldado, o implantador entre nós da Arvore da Liberdade, vegetal estranho que, talvez por não ter encontrado terreno apropriado para um bom alastramento das suas raizes fortes, nem atmospheria pura onde os seus ramos se vigorisassem, tão poucas flores ha dado, e tão chóchos fructos tem até hoje logrado produzir.

O bom, o erudito, o tão affectuoso como infeliz monarcha brasileiro, na sua rapida travessia pela cidade da Virgem, desejou fallar com Camillo.

Duas horas depois da sua chegada á cidade invicta o dr. Forbes, ás 11 horas da manhã de 1 de março de 1872, em nome do Imperador, procurava o romancista do *Amor de Perdição*, para lhe solicitar a fineza de comparecer no hotel do Louvre, onde D. Pedro de Bragança se hospedára, e onde o desejava receber. Camillo, com o pretexto de doença, excusou-se a visitar o Imperador.

Às 5 horas da tarde do mesmo dia o dr. Forbes, voltava a renovar o convite. Nova desculpa de Camillo, na fórma da anteriormente explanada.

No dia seguinte, de manhã, o dr. Forbes, pela terceira vez bate á porta de Camillo, transmittindo um pedido do Imperador, para ser recebido pelo escriptor, visto a doença d'este lhe não permittir que sahisse de casa. A resposta foi que, tanto a casa pobre e humilde, como o escriptor e sua familia, estavam todos ás ordens de S. M.

E, em virtude d'esta resposta, ás duas horas da tarde de 2 de março de 1872, o Imperador, acompanhado apenas de dous camaristas, chegava a casa de Camillo, que o veio receber á porta da rua, o que motivou amigaveis censuras do soberano, que, disse, não desejava que a doença do escriptor se pudesse aggravar com tal excesso de amabilidade.

Em casa do escriptor, além da Esposa e distinctissima escriptora D. Anna Placido, encontravam-se Guilherme Braga, o ardente poeta portuense, e José de Azevedo Castello Branco, sobrinho de Camillo, então estudante da Universidade e hoje um jornalista notavel, um estadista distincto e um character nobilissimo.

Feitas as apresentações, a conversação correu animada sobre litteratura portugueza e brazileira, aspectos e monumentos do paiz.

Como o Imperador, entre os quadros que ornamentavam a sala onde fôra recebido, em especial admirasse uma pintura, epoca D. João IV, representando os vinte primeiros reis portuguezes, Camillo offereceu-lh'a, dadiua que o Imperador acceitou e agradeceu com o maior e mais sincero reconhecimento.

Após palestra de quasi uma hora retirou-se Sua Magestade Imperial satisfeitissimo com a visita, com o escriptor e seus amabilissimos companheiros de um dos mais agradaveis momentos que logrou ter na sua rapida visita a Portugal, como, mais tarde, D. Pedro em muitas occasiões, repetiu com saudade.

\*

O genial escriptor e fundo ironista, que sem ser filho do Porto amou a cidade onde passou a maior parte da sua vida feliz, com um amor sincero e ardente, — o critico implacavel a

# A INFANTA CAPELLISTA

ROMANCE

POR

**CAMILLO CASTELLO BRANCO**

São cousas do paço.

*D. Francisco M. de Mello.*

APÓLOGOS DIALOGAES.

PORTO

TYPOGRAPHIA DE ANTONIO JOSÉ DA SILVA TEIXEIRA  
62, Rua da Cancellia Velha, 62

1872

Fac-simile do exemplar pertencente ao illustre bibliophilo portuense  
o Ex.<sup>mo</sup> Sr. Joaquim Gomes de Macedo

quem os muitos inimigos e invejosos do seu grande e excepcional talento, injustificadamente pintavam como um coração egoistamente secco, uma alma onde não germinava um só sentimento bom, sabia como poucos ser gratamente reconhecido ás amabilidades recebidas.

Foi assim que acalentou no seio muitas viboras que, mais tarde, lhe haviam de amargurar os ultimos annos do seu cruciante viver, e bolsar insultos sobre o cadaver do maior romancista e do mais fino prosador que até hoje Portugal tem logrado possuir.

O caso é que para Camillo, a visita de D. Pedro II, do Brazil, á sua modesta casa, lisongeando-lhe justamente a vaidade de homem e de escriptor, fez-lhe vêr a necessidade, não de adiar mas sim de supprimir um romance que ia maguar o imperante brasileiro, na sua qualidade de membro da familia de Bragança, no momento preciso em que a Magestade fôra tão verdadeiramente amavel para com o nosso ardente polemista.

E como todas as resoluções em Camillo eram promptas, ainda D. Pedro se encontrava em Portugal e já o celebre escriptor tinha satisfeito na typographia toda a despeza devida pela composição, impressão e papel da parte do livro *A Infanta Capellista* que estava prompta, e solicitado do snr. Antonio José da Silva Teixeira a fineza de se encarregar de deitar tudo para as barricadas do papel velho.

O honrado impressor agradecendo a prova de confiança que lhe era dada por Camillo, recusou o encargo destruidor que lhe fôra confiado, e, contrariando as terminantes ordens recebidas, expediu para casa do genial escriptor alguns gallegos carregados de papel, pois já então estavam oito folhas impressas, na tiragem de dous mil exemplares, tiragem enorme para a epoca, e que, em 1872, só Camillo podia fazer, atenta a ancia com que o publico já então corria a adquirir as obras do justamente afamado romancista.

Quando os filhos de Compostella, ajoujados com os grandes e pesados fardos, de que eram portadores, chegaram ao seu destino, um Figaro qualquer, finalizado o serviço de barbear Camillo, d'elle se despedia todo mesureiro. O romancista, ao saber qual a encomenda que pretendiam metter-lhe em casa, enfureceu-se e berrou aos gallegos que pouzassem os fardos na rua e, depois, lhe deitassem fogo, visto a sua habitação não ser armazem de papel velho.

Os gallegos ante uma irascibilidade que estavam longe de esperar, depositaram os fardos no portal e safaram-se com ligeireza.

Camillo cada vez mais desesperado volta-se para o barbeiro, que assistia á scena, boquiaberto, e offerece-lhe a papelada toda, com a condição de lh'a despachar sem demora.

O Figaro sahiu correndo, e, passada uma hora, já o meio volume impresso da *A Infanta Capellista* jazia amontoado nos armazens de afamada mercearia da cidade, condemnado a embrulhar arroz e assucar.

\*

Poucas semanas após o que rapidamente deixamos esboçado, e que nos foi narrado pelo velho impressor Teixeira, um illustrado negociante do Porto a quem as letras patrias deveram serviços de valor, o snr. Antonio Joaquim Rebello, deparava casualmente em casa com um fragmento de uma folha de impressão apresentando uma pagina completa com o frontespicio do livro.

Informando-se d'onde procedia o fragmento do livro de Camillo, que tão mysteriosamente tinha sido sonogado á circulação, deixando desapontados os farejadores de escandalos, soube que viera da mercearia fornecedora da casa, embrulhando assucar.

Correu immediatamente ao estabelecimento, e inquirindo do dono a razão de elle estar fazendo embrulhar os seus generos em pedaços de um romance de Camillo, soube da fórma como elle fôra adquirido. O proprietario da mercearia, levando-o ao armazem, mostrou-lhe as rimas de papel comprado a pezo, e disse-lhe que, se alguma coisa d'alli lhe servisse podia escolher á vontade.

Infelizmente a primeira folha de impressão estava quasi esgotada, restando apenas meia duzia de exemplares, os unicos que o Antonio Joaquim Rebello pôde completar, salvando assim *A Infanta Capellista* de completo aniquilamento.

E foi um dos raros exemplares salvos da condemnação de servir de capa a cebo e gorduras varias, que, ha bastantes annos já passados, devido á amavel obsequiosidade do seu possuidor, o fallecido snr. Antonio José da Silva Teixeira, pude detidamente compulsar, motivando as desajeitadas linhas que a saudade me faz hoje consagrar ao grande romancista, pae amantissimo do infeliz Jorge que foi o meu primeiro e querido amigo de collegio.

\*

Os filhos da nossa intelligencia são como os filhos do nosso organismo. Merecem-nos o mesmo amor, o mesmo carinhoso desvello; aniquilar um livro, producto de violentas fadigas intellectuaes, é o mesmo que, com o coração despedaçado, vêr-se morrer um filho querido. Não ha sacrificios a que um pae se não sujeite para salvar o ser querido que a morte busca arrebatar-lhe.

Camillo, n'um momento de gratidão, quiz sacrificar um trabalho onde tinha posto uma parcella do seu potente e bem equilibrado cerebro; mas poucas semanas passadas, começando-lhe



o coração a ser torturado por esta especie de filhicidio, resolveu modificar a obra e, sob outra diversa fórma, lança-la discretamente no mercado.

Era o titulo de *A Infanta Capellista*, e o reclamo de escandaloso feito á volta do trabalho, que poderiam maguar o monarcha brasileiro... Pois bem, mudar-se-ia o titulo, sahiria novo volume sem reclamo algum, e tudo estava remediado.

E o caso é que, no mesmo anno de 1872 apparecia á venda, editado pela casa Ernesto Chardron, o *Carrasco de Victor Hugo José Alves*, que não passava de uma pequenissima modificação da apregoada *A Infanta Capellista*.

E o livro que, impresso na typographia Teixeira, promettia fazer largo escandaloso, passava poucos mezes depois quasi despercebido, editado pela casa Chardron sob a chrisma banal que lhe fora imposta!

A *Capellista* passou no *Carrasco* a ser uma *luveira*; o nome de *Mendes Leal*, apparecido a pag. 78 da *A Infanta Capellista*, foi mudado, a pag. 90 do *Carrasco*, em *Carlos Bento*, e um *Epiphany*, que é figura principal na *Infanta*, apparece baptisado em *Raul no Carrasco*.

O *Conde de Camaride da Infanta* surge-nos no *Carrasco* com as roupagens de *Conde de Povolide*, e, em toda a obra, a *Infanta* deixa de o ser para passar a chamar-se *D. Maria*, ou a *Luveira*, mantendo-se porém em um ou outro ponto o nome completo de *D. Maria José de Portugal* apontado na *A Infanta Capellista*.

No *Carrasco* desapareceu o capitulo, que se segue com que abria a *Infanta*:

A' volta de uma mesa do café Martinho, em Lisboa, estavam, por 1857, seis ou sete sujeitos saturados de politica. Estava eu tambem em principio de «saturação», palavra pedida de emprestimo á chimica para bem materialisar a idéa de um corpo embebido d'aquelle civico enthusiasmo que salva as nações... nos botequins.

Eram todos os meus interlocutores n'aquella noite mais ou menos republicanos. Havia tal que dizia acreditar na metempsychose, porque sentia dentro do seu ventre os figados de Robespierre; e outro, que arredondava musicamente os periodos demagogos, revelava-nos, com modestia parelha do talento, que sentia coriscar-lhe no craneo o cerebro de Mirabeau; coriscosos, se o eram, todos para dentro; que do fogo que lhe faiscava da frente não havia que receiar combustão em armazem de sulphureto de carbonio.

Os outros não me lembra quem tinham dentro de si.

Pelo que me diz respeito, recenseando longa fileira de defuntos historicos, suspeitei que era eu a paragem actual do transmigrado Sancho Pansa, por me sentir razamente lerto á beira d'aquellas pessoas trabalhadas por crudelissimas almas de torna-viagem.

Dizia o mais moderado dos sete que Portugal estava expiando os crimes da casa de Bragança, alfôbre de vicios selvagens, de tragedias sanguinarias, de villanazes rapacidades. E acrescentava que Nuno Alvares Pereira, o santo, havia sido um façanhudo caudilho de sclerados antes de casar com uma senhora

rica do Minho, que o afazendou bastantemente para poder alliar uma filha com o neto do deshonrado Barbadao.

Isto dizia o democrata, enquanto o outro do cerebro rabido e fulminativo, esmurraçando o marmore, nos certificava que era preciso decepar a hydra bragançina, sem excepção de cabeça ou cauda: — cauda, dizia elle, na picaresca hypothese de que as hydras reaes em Portugal têm colmilhos devorantes em ambas as extremidades do canal nutriente.

O meu terror foi grande. Encarei n'aquelles homens exterminadores, e agourei-lhes mentalmente que morreriam justificados para bem do genero humano e da casa de Bragança, onde tem luzido gente boa e catholica, mórmente um duque, D. Constantino, que governou a Asia, e não quiz ceder por trezentos mil cruzados aos alarves da India um dente de certo bugio que fazia milagres por arte do diabo. Esta passagem contei-a eu áquelles crocodilos, os quaes, no acume da sua ignorancia rebelde, me passaram unanimemente alvará de parvo em tres vidas.

Agora é de saber que elles, os sete regicidas, hoje em dia, vampirizam as veias dessangradas do paiz, pisam alcatifas do paço, e fumam charutos do snr. D. Luiz, pelos quaes se lhes vaporaram os figados de Robespierre, o encephalo de Mirabeau, e toda a mais peçonha que lhes satanizava as entranhas, tirante a do estomago que ainda é corrosiva como sempre.

Revertendo aos assumptos debatidos n'aquella roda de trogloditas, cujas caras a labareda do ponche queimado azulava terrificamente, dizia um que a devassidão do maior numero de monarchas portuguezes se revelava sobejamente nos filhos bastardos, e nos adulterinos e até nos incestuosos. Em confirmação da these petulante, individuuou com admiravel retentiva os filhos illegitimos de cada soberano, e não sómente os abonados pela historia, senão outros muitos denunciados pela tradição, e sonogados pelos historiadores em preito a insignes familias desdouradas pela libertinagem dos reis.

Occasionou-se-me então o desejo de observar que o snr. D. Miguel de Bragança, bem que malsinado de frasqueiro e muito dado a damarias, não deixara filhos reconhecidos ou se quer suspeitos; d'onde eu inferia que a calumnia superfluamente lhe encarecera os vicios, não lhe querendo sómente imputar á descultura do espirito e aos maus companheiros da mocidade os funestos lances do seu reinado.

Redarguiu de prompto o malsim das reaes progenituras que D. Miguel podia ser tão devasso como seus avós; todavia menos fecundo que elles; e accrescentou logo, porém, que affirmava a existencia de filhos do principe proscripto, e me desculpava a ignorancia por eu ser da provincia e não conhecer as entranhas tuberculosas de Lisboa e da côrte.

Estimulado por este dizer oriental e therapeutico, pedi que me dissessem quem eram os conhecidos filhos de D. Miguel.

O sujeito, que eu interrogava particularmente, nomeou cinco ou seis pessoas de ambos os sexos, umas que eu conhecia de vista, e outras dos appellidos heraldicos de seus progenitores legaes.

Feita a resenha, um dos circumstantes ajuntou:

— Ainda te falta uma.

— Quem é? — acudiu o outro.

— A infanta capellista.

— E' verdade, a infanta capellista, a mais sympathica e adoravel e florida vergonteia d'um tronco pôdre. Hei-de mostrar-lhe a você a infanta capellista — a doce creatura que faz lembrar a iriada borboleta que sahio de chrysalida gerada em esterquillino. Quer vê-la?

Com a mais ardente curiosidade — respondi eu:

— A'manhã.

A pag. 12 do *Carrasco* apparecem supprimidos os seguintes periodos que se encontravam a pag. 12 da *A Infanta*:

Não lhe vi traços mínimos de parecença com D. Miguel Maria do Patrocinio, o qual também não dava alguns de semelhança com D. João VI.

Esta desconformidade de feições é certo que não argue suspeitas maliciosas na casa de Bragança. Se a virtude conjugal não fosse axiomática n'esta raça estreme de príncipes, quem diria que os diversos filhos da immaculada senhora D. Carlota Joaquina de Bourbon eram todos uns artefactos reaes manufacturados por seu serenissimo marido? Pois é phenomeno muito para reparos physiologicos a variedade de typos que a filha de Carlos IV desentranhou das suas regias entranhas, nas quaes as graças, mediante as brizas olorosas do Ramalhão, Queluz e Bemposta, lhes insinuavam as doces virtudes com que lá, no recondito seio, se formaram os corações das candidissimas filhas, como todos sabem e juram.

.....

Igualmente a tesoura de Camilo destruiu os seguintes periodos que occupavam as paginas 17 e 18 de *A Infanta Capellista*:

Pendia José Parada a crêr que a infanta rejeitára alguns que mais ou menos a tinham inspirado amorosamente, — um ou dois poetas conjecturo eu, em razão de os conhecer, quanto uma bella alma se nos pôde revelar na brochura de versos de diferentes tamanhos. Suppõe, todavia, o meu amigo que D. Maria, obrigada ás severas condições que o nascimento lhe impõe, morrerá solteira, salvo se um príncipe, ou cousa semelhante, lhe render a vassalagem do seu honesto amor.

E' o que me disse Parada, e acrescentou:

— Um homem que morre por ella é aquelle Epiphânio que lá ficou na loja. Alli tem você um rapaz que possui, além da fortuna de não saber nada, a certeza de herdar mil contos do pai. A figura é correcta, não acha? São-lhe perdoadas as parvoíces que diz; tem até um auditorio de rapazes inteligentes que vão aos seus jantares e lhe fazem a fineza de o não escarnecerem quando elle está presente; emfim, são tantas as senhoras offendidas do seu desdem, que vossê se daria por bem aventurado, se a ultima das quarenta, que elle despreza, lhe dardejasse uma setta dos olhos amorosos. Pois ahí tem! A capellista repelle-o com fidalga delicadeza, e ouve com supremo desprezo a apothéose dos mil contos do filho do conde de Baldaque. Não é isto, em tempos de tão infame positivismo, um caso assombroso?!

E continuou com emphase:

— Quando as filhas legitimas dos condes, que teem dezoito avós aforados, se não desaforam confundindo nas veias dos filhos o seu sangue azul com a lama dos argentarios escapados ao cruzeiro, não é de espantar que a obscura filha de um príncipe, pobre e chasqueada, recuse abastardar a sua estirpe real, adjudicando-se ao ouro de um plebeu? Devo repetir-lhe que desprezo real, adjudicando das distincções, posto que procedo de avoengos preclaros; entretanto, se os instinctos fidalgos álam o espirito acima das ideias do seu tempo, eu me curvo, repassado de religiosa reverencia, e comprehendendo então que a nobreza das indoles não é phantasmagoria absoleta; será antes divina loucura, se de uma parte está a pobreza radiosa com a auréola do trabalho humilde e da outra a fascinação esplendida dos milhões.

A pag. 20 do *Carrasco* apparecem truncados e alterados os seguintes periodos existentes a pag. 20 e 21 da *Infanta*:

Assim é que nossos decimos avós, se eram menestreis, procediam com as infantas, não contando com as portuguezas, que, tirante a filha de D. Manoel — a «menina e moça» — as restantes princezas sahiram todas muito descaroa-

das de poetas, de theorbas e mandolins. O instrumento de cordas mais dilecto dos paços dos nossos reis foi o sino, e tanto que o sr. D. João V comprou o carrilhão de Mafra, que retroa com cento e quinze badalos, por mil e trezentos contos de réis. (*Veja a NOTA no fim*). E á medida que os tympanos reaes se foram educando a par com os progressos da harmonia, o sino desmereceu, e as estridentes linguas de bronze cederam ao requebro e lascivo das melodias da guitarra, em que até hontem os barbeiros arpejavam os seus lunduns, e hoje em dia os bonissimos reis d'esta nossa ilha Baratária descantam uns fadinhos lubricos, que não ha ahí cousa mais para vêr-se, se as afaatas os sapateam com desnalgado despejo. Isto é bom. O plebeismo respira-se como o azote. As latrinhas reaes não exalam cardamomo: convença-se a gente d'isto.

Segredos e vantagens das raças mestiças.

Mas na loja da capellista não tresandava azote: era ar da côrte, como filtrado ao através de reposteiros cozidos em ouro e estofados de quinas. Pôde ser que n'esta illusão fosse grande parte o notorio respeito que eu consagro á realeza; mas não era menos de certo a idolatria que me rende á formosura.

Sempre me senti venerador das infantas feias; mas das formosas, pelo molde da capellista, a minha soberba feudal se contentaria com a honra de lhes ser pagem de tocha, sumilher da cortina, secretario dos seus amores epistolares com algum príncipe, meu amo e senhor, tudo seria, mas freguez de piugas de lan de camêllo, não posso.

Igualmente a pag. 30 do *Carrasco* sahíu truncado e transformado este periodo da *Infanta*:

Respigando exemplos na propria familia da noiva requestada, contou a alliança do representante de um notavel Miguel de Moura — látego portuguez vibrado por mão hespanhola nas costas avergoadas do Portugal moribundo — com uma neta de um duque de Bragança, o qual cobardamente trocará a corôa e alguns milhares de escravos de Castella pelo seu estúpido socego de Villa Viçosa.

O periodo, que segue, estampado a pag. 67 da *Infanta*,

N'aquelle tempo reinava em Portugal D. Pedro V, unico monarcha portuguez que morreu honrado e sinceramente carpido...

apparece assim a pag. 81 do *Carrasco*:

E n'aquelle tempo reinava em Portugal D. Pedro V, cidadão portuguez que morreu honrado e sinceramente carpido.

No *Carrasco* foram supprimidos este dizeres que se vêem a pag. 71 da *Infanta*:

Um dia D. Pedro chamou o fidalgo que mordomisava os seus haveres, e ordenou-lhe que enviasse, em cada mez, trezentos mil réis a seu tio. A' ordem seguiu-se a encarecida recommendação de segredo. Louvou naturalmente o camarista a longanimidade do rei, e limpou os oculos marejados das lagrimas que lhe bolhavam da alma commovida. O aspecto grave e circumspecto d'este fidalgo de oculos fazia lembrar o apostolico semblante do snr. Conde da Ponte.

Tambem foram cortados estes interessantes periodos impressos a pag. 72 da *Infanta*:

Ora haveis de saber que o irmão de D. Pedro IV nunca recebeu a meçada, e que dos reaes contadores sahira sempre para a gaveta do camarista a quantia arbitrada e deduzida das despesas particulares do rei.

Um periodico de Lisboa publicou ao sol do meio-dia a inaudita infamia. Ninguém sahii a rebater a calunnia. E á ladroice feita e impune accresceram pormenores repellentissimos: estava uma corôa de conde exposta no pelourinho da ignominia; mas o réo abroquelou-se com o silencio despejado; e a indignação publica — esta chimera verdadeiramente mythologica fóra dos jornaes da opposição — quando viu passar o conde, quinze dias depois, cortejava-o porque o via rebalsar-se nos coxins do paço d'onde sahira para S. Vicente de Fóra D. Pedro V.

Posto isto, leitor attencioso e sobretudo philosopho, que se indigna d'aquella ira que em Lisboa corteja ladrões reintegrados sob os reaes tectos, diga V. Ex.<sup>cia</sup>, se, dado aquelle exemplo...

Igualmente mereceu suppressão no *Carrasco* este bocadinho de escandalo de paginas 74 a 76 da *Infanta*:

E com que justiça ou sincero pudor se fechariam os aditos do paço ao tal couceiro do Brazil?

Vem ao ponto um caso.

Um homem que já foi duas vezes ministro, que é par do reino, diplomata e gran-cruz de tres ordens, era, ha vinte e dois annos, guerreiro jurado no bando da carta pura, escriba assalariado de Costa Cabral, arranjador de barcarolas no theatro de D. Fernando, e pianista nocturno nas orgias de uma celebrada Lais, que arrebanhava em sua casa as rameiras mais fraudunas de Lisboa. Um dia, o litterato, acceso em brios bellicosos, cingiu nos rins o gladio archi-virginal de capitão da carta. Azado o ensejo, desafivelou o cinto pulverisado do nitro da polvorada, arregaçou os canhões agaloados da fardeta, e metteu as mãos nos telonios da cousa publica, fazendo-se sub-pretor, para fallar á romana, n'uma cidade provincial onde havia uma estalajadeira, chamada a «cara de pão». Mal diria ella, quando condimentava o escabeche dos saborosos salmões do rio Minho para o seu hospede, que a remirava com os olhos cheios de cerume lagrymal, d'amor, de lunetas, e de brotoeja, — mal diria ella que d'aquelle grande feto alcoolisado se faria mais tarde um ministro da corôa!

Ora aconteceu que o hospede insolavel da «cara de pão», n'uma das arrancadas de patuléas em que lhe foi mister fugir, enfardelou quatro pingas e cinco pares de lunetas no bolso da quinzena, que lhe dava uns ares de satyro hemorrhagico, e fez-se no caminho da capital, dizendo á estalajadeira que, em rems da sua divida, lhe deixava um bahú repleto.

Na ausencia do futuro ministro, tomou-se o peso do bahú, e conjecturou-se que elle continha a panoplia do capitão, e as armaduras despojadas ao inimigo insepulto no campo da batalha. Pesava como se contivesse o capacete dos primeiros Affonsos, e o montante de Lourenço Viegas, o Espadeiro.

Decorridos mezes, a crédora escreveu ao bravo repatriado pedindo o seu dinheiro. O capitão não respondeu á primeira nem á undecima carta.

Resolvida a leiloar o armamento e o espolio opimo do guerreiro, por saber que muitos alfagemes farcjavam columbrinas de Toledo apanhadas ás fragueiras guerrilhas do padre Casimiro, a locandeira mandou abrir o bahú na presença de testemunhas, e achou... quatro pedras que pesavam cinco arrobas, tres arrateis e sete onças — pederneira genuina.

Isto divulgou-se, gargalhou-o a imprensa, propalou-o o odio politico, che-

gou talvez aos «banzés» dos palafreneiros da côrte, e apesar de tamanha publicidade, o astucioso não foi condecorado. Fez-se mister que o fermento do sagacissimo estadista levedasse por espaço de quinze annos aquella informe massa d'ossos envoltos em membranas escaladas, da qual sahii o ministro, o par, o diplomata, e o conde, segundo as gazetas estão pregoando.

Depois d'isto, é racional que nos espantemos se Victor Hugo José Alves não foi condecorado?!

E' elle um genuino e authentico ladrão? — que espere. Mais tarde será regalardoadado na proporção da inveja que lhe atabafou os meritos. Deixe o bem estreado cidadão germinar a semente que conhou ao uberrimo torrão da sua patria. A arvore ha-de bracejar vergonteadas afestoadas de grinaldas que algum dia lhe hão-de juncar a escarpa do capitolio.

\*

O impressor da *A Infanta Capellista*, a que já nos referimos, e que foi o impressor de copioso numero de livros de Camillo, o snr. Antonio José da Silva Teixeira, durante largo espaço de annos, no tempo em que, no Porto, activamente fermentou o microbio politico, foi tambem uma figura preponderante da cidade, tanto no meio litterario como no meio onde se organisavam e derrubavam ministerios, onde impavidamente se seguia pelo campo revolucionario fóra quando a oppressão governamental pretendia esmagar as liberdades publicas.



Antonio José da Silva Teixeira em 1872

Da, então, poderosissima loja maçonica *União*, de que foi um dos fundadores e, durante muito tempo, o seu mais prestigioso veneravel, o irmão Guttenberg, que os maçons cumulavam de honras e os politicos de blandicias, vinha para as suas officinas typographicas trabalhar ao lado dos seus operarios a quem sempre considerou como amigos e a quem sempre protegeu como chefe carinhoso e dedicado.

Lidei muito de perto com Antonio José da Silva Teixeira, quando este bom homem, já n'aquelle tempo por completo afastado da politica, e mais ainda da associação maçonica que tanto amou, inteiramente se dedicára á arte typographica em que foi um grande Mestre.

Então, das suas velhas relações com politicos, apenas mantinha amisade sincera com o conselheiro Dias Ferreira, que o considerava o seu maior e mais dedicado amigo do Porto.

As minhas relações mais intimas com o velho revolucionario da Cancellia Velha, datam de 1897, quando o jornal *A Provincia*, de cuja redacção fiz parte, e que, pela dissidencia progressista do Porto, n'esse anno sahira das dependencias do *Centro Progressista*, na rua do Laranjal, e viera installar-se em casa de Silva Teixeira, em salas pelo mesmo cedidas junto das officinas onde o periodico era impresso.

O *Diario da Tarde*, que n'aquella occasião se fundára, atrahira da *A Provincia* quasi todos os seus redactores, ficando na gazeta de Oliveira Martins e Joaquim Gonçalves, então de ha muito fallecidos, o velho Fernandes Reis, Julio de Oliveira, o administrador dr. Arthur Aguedo, e quem estas linhas escreve. Num *tour de force*, durante mezes, fizemos sósinhos o jornal, sem receio nem desalento, batendo-nos no campo das letras com todos os nossos adversarios politicos, á frente dos quaes se encontrava o *Diario da Tarde*, n'uma sincera ancia de bem servir a Patria.

Bons e saudosos tempos esses, que não mais voltam!...

Ao nosso lado, auxiliando-nos com o seu conselho de experiencia feito, animando-nos com a sua agradavel companhia e com a constante alegria da sua pittoresca conversação cheia de aneddotas, tivemos logo de começo o velho Teixeira que, em breve, se transformou em amigo de todos nós.

Se então nos preocupasse a ideia de algum dia fazermos a historia anecdotica do Porto de ha cincoenta annos, bastaria, dia a dia, termos o cuidado de apontar em caderno especial o que sobre os homens e os acontecimentos do seu tempo nos narrava o velho revolucionario, para possuirmos hoje material sufficiente para meia duzia de livros verdadeiramente sensacionaes.

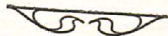
Apesar de octogenario Silva Teixeira conservava toda a sua extraordinaria lucidez e vivacidade de espirito que lhe mereceu, em plena virilidade, a real e poderosa supremacia que gosou no meio politico onde, por muito tempo, foi um grande e incontestado poder occulto.

E este bom homem, que podia ter occupado os mais elevados e rendosos cargos do paiz, morreu pobre, e, como sempre fóra, um simples impressor typographico!

Eram d'esta raça os patriotas da Patuleia e da Maria da Fonte!

Maio de 1913.

EDUARDO SEQUEIRA.



## Camillo Castello Branco

Visconde de Correia Botelho



Só um homem com o genio prodigioso de Camillo podia ter a audacia que elle manifestou agora: chegar aos cincoenta e nove annos, e trocar o seu nome laureado de Camillo Castello Branco pelo nome de Correia Botelho, que elle tem de illustrar, de nobilitar, de doirar com os prestigios com que se engrandeceu o seu primitivo nome. Pois a tarefa, que seria impossivel para outro, não é superior ás forças herculeas d'esse gigante litterario. Dêem-lhe o tempo sufficiente para escrever dois ou trez livros, e as gerações futuras dirão — os dois mais brilhantes prosadores portuguezes, da segunda metade do seculo XIX foram Camillo Castello Branco e o visconde de Correia Botelho.

Se se pudesse dividir comtudo entre os dois a obra vastissima d'este prodigioso escriptor, teria cada um d'elles o seu quinhão, e as duas feições especiaes d'este formoso talento ficariam claramente distinctas. A Camillo Castello Branco essa deliciosa galeria de romances formosissimos que vae dos *Mysterios de Lisboa á Brazileira de Prazins*, passando por estas obras primas que se chamam *Onde está a felicidade?*, *Amor de perdição*, *Queda de um anjo*, *Doze casamentos*, *Novellas do Minho*, *Eusebio Macario*. Pertencer-lhe-ia ainda essa longa lista de livros de combate e de dissertações humoristicas sobre todos os assumptos imaginaveis, os prefacios do *Cancioneiro Alegre*, muitas paginas das *Noites de insomnia*, a *Espada de Alexandre* e centenas de paginas immortaes, onde flameja a veia satyrica do grande escriptor.

Ao visconde de Correia Botelho ficariam pertencendo tantos livros valiosissimos de investigação historica, tantos subsidios

preciosos para a nossa historia politica, social e litteraria, que elle precisou de cobrir com o manto ligeiro do romance, ou de bordar com os rendilhados da anecdota, porque receava que o publico d'outra maneira lh'os não aceitasse. Essa feição do talento e do estudo profundissimo do grande escriptor é a que transparece n'aquelle magnifico livro que se chama *Lucta de Gigantes*, monographia historica das mais valiosas, é a que se manifesta no *Mosaico*, e no *Cavar em ruínas*, e nas *Coisas leves e pesadas*, e nas *Quatro horas innocentes*, e em tantos capitulos primorosos dos seus bellos romances historicos — *O Regicida*, e a *Filha do regicida*, e a *Caveira da martyr*, e o *Judeu*, e o *Olho de vidro*, e o *Santo da Montanha*, e o *Senhor do Paço de Nãães*, e agora a *Maria da Fonte*, e n'uma boa metade emfim das *Noites de insomnia* e dos *Narcoticos*.

Se se tem lembrado mais cedo de aceitar um viscondado, Camillo Castello Branco ficaria sendo o polemista energico e o apaixonado poeta, seria elle que faria saltar as lagrimas dos olhos das mulheres, ao contar-lhes os tragicos amores, que só elle sabe narrar com tão profundo sentimento. Seria elle o esgrimista atrevido, manejando como ninguem essa arma terrivel da ironia, cortando com o chicote implacavel a cara das suas victimas.

Para formar essas paginas, ora impregnadas de lagrimas, ora vibrantes de malicia, essas paginas dolorosas ou terriveis, alegres ou docemente commovidas, para contar os amores fataes de Thereza ou para descrever as aventuras de Calixto Barbuda nada melhor do que essas magicas syllabas do nome de Camillo Castello Branco, que teem como que uma resonancia eternamente juvenil.

Para dar authoridade e força ás graves investigações historicas e archeologicas, em que o grande escriptor tem encontrado a solução de tantos problemas importantes, não pôde haver nome mais bem escolhido do que o nome do Visconde de Correia Botelho.

Quando se pronuncia o nome de Camillo Castello Branco as leitoras phantasiavam immediatamente um vulto elegante e desempenado, de olhar fatal e de longo bigode cofiado pela mão febril e nervosa que uma luva irreprehensivel calça. Tem a um tempo a voz quente e apaixonada, e as notas mordentes e ironicas. E' Fausto e é Mephistopheles, tem a paixão e o riso, o cantico e a satyra, a intrepidez diante dos homens e a meia submissão do escravo diante das mulheres. Quando se ouve o nome de visconde de Correia Botelho os leitores phantasiavam immediatamente um academico archeologo, um sabio genealogista de Traz-os-Montes, trabalhando na bibliotheca do seu solar de Villa Real, rodeado de manuscriptos pulverulentos, e de ponderosos nobiliarios, redigindo n'um bello papel almasso sapientissimas

memorias dirigidas pelo correio á Academia Real das Sciencias. A historia do prior do Crato contada pelo visconde de Correia Botelho tem uma authenticidade e gosa de uns creditos, que nunca poderia obter no mundo grave dos eruditos enquanto fosse simplesmente contada pelo auctor de *Bazilio Fernandes Enxertado* e do *Carrasco de Victor Hugo José Alves*.

Ao percorrermos assim rapidamente a lista enorme das obras de Camillo Castello Branco, pasmamos, como se a não conhecessemos ainda! Que talento tão maleavel! Que espirito fecundissimo e vario! Como se reflectem n'aquella maravilhosa série de livros todos os cambiantes do espirito dos tempos, e todos os caprichos d'aquella alma sempre inquietos! N'esse espelho magico reflectem-se com uma perfeição inexcedivel as varias fórmãs do romance moderno. Ahi temos Camillo nos *Mysterios de Lisboa*, na *Filha e Neta do Arcediago*, e em todas as obras que datam d'este periodo, manejando com um vigor notabilissimo a penna com que Frederico Soulié escrevia a *Confissão geral* e os *Dramas da rua da Provença*; depois, na época que principiava no *Onde está a felicidade?* e que chega á sua perfeição culminante no *Amor de perdição*, encontramol-o como que banhando-se com delicia nas aguas puras e limpidas do romance intimo, d'aquella a que deve a França as paginas mais adoraveis de George Sand e de Octavio Feuillet.

Como o escriptor vigoroso e terrivel que descreve os dramas do adulterio e do crime pôde traçar ao mesmo tempo as paginas castas e suaves do *Bem e do mal*, um verdadeiro idyllio no genero do *André* ou da *Mare au diable* de George Sand! Depois aceita ainda o processo realista, o processo Zola, e escreve aquellas duas admiraveis *pastiches* do *Eusebio Macario* e da *Corja*. Emfim para mostrar que sabe, quando quer, e a valer, usar do processo novo no que elle possa ter de aproveitavel, traça na *Brazileira de Prazins* a extraordinaria scena dos preparativos de um assassinio, que pede meças ás scenas mais acabadas do *Assomoir*.

E no meio de tudo isto appareciam livros que só Camillo sabe escrever, que só elle sabe escrever em Portugal, e para os quaes não encontro mesmo facilmente parallelos na Europa: são os romances humoristicos no genero da *Queda de um anjo*.

Houve um tempo em que Camillo Castello Branco sentiu umas vagas tendencias religiosas, em que o seu genio obedeceu a umas inspirações mysticas, que lhe dictaram as *Horas de paz* e a *Divindade de Jesus*, que o levaram a traduzir n'aquella sua admiravel prosa Roselley de Lorgnes e Baguenault de Puchesse. Depois veio o entusiasmo pelos estudos historicos. Principiou a manusear livros velhos e a revolver os archivos e os tombos das casas nobres. O estudo que fez do modo de ser dos anti-

gos conventos, e dos processos inquisitoriaes, arrastou-o para bem longe do mundo catholico e devoto. A escola liberal deu ás indignações da consciencia de Camillo livros como a *Caveira da martyr* e o *Judeu*, que são um protesto formidavel contra o atoleiro de lama e de sangue em que se afundou no seculo passado o fanatismo religioso.

E todas estas obras, o romance, o pamphleto, o drama, a historia, o livro ascetico, o folhetim, em que maravilhosa linguagem são escriptas! Nunca a lingua portugueza se mostrou no nosso tempo mais nervosa, mais rica, mais maleavel, mais apropriada para n'ella se tratarem todos os generos, para d'ella se arrancarem todos os effeitos! Leia-se o *Regicida* por exemplo! Que propriedade de termos em descripções technicas, onde os nossos modernos escriptores se vêem forçados, a cada instante, a recorrerem a vocabulos francezes ou a francezismos intoleraveis! Camillo é um classico, mas um classico moderno. Não acceta a lingua de fr. Luiz de Souza immobilizada na sua perfeição quinhentista, não acceta mesmo a lingua de Antonio Vieira, apesar da sua prodigiosa riqueza de fórmulas; tomando-a porém por ponto de partida, fal-a caminhar a adaptal-a ás exigencias modernas. Não o conseguiu sem esforço.

Por muito tempo o archaismo predominou na sua linguagem, mas hoje a lingua dos livros de Camillo é o verdadeiro portu-guez moderno, modelo admiravel da perfeição suprema.

Essa opulencia de linguagem só tem por igual a riqueza do seu estylo. E essa riqueza não consiste na prodigalidade da imagem, e no abuso da palavra colorida. E' rico porque satisfaz promptamente e com abundancia todas as exigencias do seu altissimo espirito. E' de drama que se trata? A phrase pungitiva e lancinante penetra no mais intimo do nosso coração, até nos sugar todas as lagrimas que só as catastrophes reaes conseguiram arrancar-nos. Trata-se de satyra? Deus do céu! Execuções como as que faz Camillo ninguem nunca as sonhou sequer. Chove sobre a victima uma saraivada de chicotadas, que a cega, que a atordôa, que lhe cinge o corpo com um verdadeiro cilicio. Não é chicote, é *knout*, é o *nine tails-cat*, é o inferno! As phrases mais imprevisas, os epigrammas mais desesperadores, os improperios mais originaes cahem como granizo sobre o desgraçado, que tem afinal de se rojar aos pés do flagellador, pedindo misericórdia!

Este escriptor admiravel, que ha-de ser a eterna gloria de Portugal do seculo XIX, caminhou durante a sua vida inteira, sem que o mundo official mostrasse saber que existia n'este pequeno torrão esse extraordinario genio! Foi uma felicidade para o mundo official que Camillo Castello Branco se resignasse a acceitar um titulo de visconde! Pouco vale a mercê, mas ficou

valendo muito, quando o parlamento em massa se levantou, aproveitando o ensejo para prestar ao eminente escriptor uma homenagem de consideração e de respeito. Pôde ver então Camillo, que, apesar de todos os resentimentos que possa ter provocado a sua satyra implacavel, que, apesar de todas as calumnias e de todas as invejas, o seu genio impõe-se de tal fórma, pelo seu proprio brilho e pela sua força, que, apenas elle appareceu por um instante no mundo official, a nação inteira se curvou para lhe fazer, em plena camara, uma verdadeira apothese parlamentar.

1885.

PINHEIRO CHAGAS.



## N'UM ALBUM

*Vainement il appela...  
Le vent seul répondit à sa voix.*

ALFRED DE VIGNY.

*Das margens do Douro, no livro d'um anjo  
Envio um suspiro ás margens do Tejo,  
Outr'ora, ditoso, corri essas margens  
Apoz uma sombra, que em sonhos cá vejo.*

*Amei-a! perdi-me por ella, e não choro  
A morte bem triste da minha illusão,  
N'esta alma nascida, e morta tão cedo,  
Por ella a quem dera carinhos d'irmão!*

*Deixal-a! Ainda vivo talvez para vê-la,  
Um dia, entre espinhos colher essa palma,  
Devida ao perjurio, e lançada em triumpho  
Aos pés de uma virgem, não virgem na alma.*

CAMILLO CASTELLO BRANCO.



## Alexandre da Conceição



NÃO o conheci pessoalmente, e tive pena, porque ouvia apreciá-lo e encarecê-lo todas as vezes que em rapaz eu ia a Ilhavo, terra da sua naturalidade, visitar minha família.

Ainda êle não tinha concluído o seu curso de engenharia, na Academia Politécnica do Porto, e já se faziam grandes elogios à sua capacidade litterária, ao seu talento poético e à sua envergadura scientifica.

A recente publicação, na collecção Lusitânia, do *Eusébio Macário* e da *Corja*, dois livros que são padrões da glória de Camilo, vem pôr novamente em foco o nome de Alexandre da Conceição, porque não ha, creio eu, na geração actual, pessoa de mediana cultura intelectual que se não lembre da célebre polémica travada entre aqueles dois escritores a propósito dos referidos livros.

Essa pejeia travou-se aí por 1881, após a publicação da primeira edição do *Eusébio Macário*, história natural e social de uma família no tempo dos Cabraes.

Na dedicatória d'esse livro dizia Camilo: "Perguntaste-me se um velho escritor de antigas novelas poderia escrever, segundo os processos novos, um romance com todos os *tics* do estilo realista.

Respondi temerariamente que sim e tu apostaste que não. Venho depositar no teu regaço o romance, e na tua mão o beijo da aposta que perdi".

O *Eusébio Macário* foi o produto d'esta aposta, a justificação d'este compromisso.

N'esse livro deu o immortal Camilo largas à sua veia sarcástica e humorística, creando, entre outros, aqueles tipos grotescos e ridiculos de que já falei no meu folhetim *Pequenos factos*, e escrevendo um romance n'uma nova maneira e segundo os processos da nova escola.

Alexandre da Conceição, então cheio de vida, de audácia e de talento, tendo pertencido à melhor roda de literatos do Porto, tais como Guilherme Braga, José Dias de Oliveira, Pedro de Lima, Cus-

tódio e Manuel Duarte e tantos outros, julgou ver no *Eusébio Macário* apenas a pretensão de lançar o ridiculo na escola realista.

D'aí nasceu essa polémica, que pôde considerar-se uma das mais notaveis da nossa moderna literatura. Alexandre da Conceição, escritor de grandes recursos, arremeteu com todo o ardor do seu espirito combativo contra o immortal autor do *Eusébio Macário*, que, vendo-se duramente ferido, o atacou então rude e deshumanamente. Camilo era um polemista insigne.

Mas Alexandre da Conceição, que tambem n'esta questão deu provas de rijo pulso para a polémica, portou-se com notável denodo na presença de tão terrível adversário, a quem mais tarde reconheceu os seus elevados méritos litterários.

Ardua e rude foi essa pejeia que, a pouco trecho, descambou no terreno da offensa pessoal; mas, para julgar com inteira justiça, é preciso fazer descontos de parte a parte.

Alexandre da Conceição, desde que assestou as baterias da sua critica acerba contra Camilo, devia contar com o desfôrço, porque o grande Mestre havia provado que não era homem que se ficasse.

A'cerca d'esta refrega diz Silva Pinto: "Na Foz do Douro, uma tarde, dizia-me Camilo Castello Branco: Que impressão deixou por aí a polémica com o Alexandre da Conceição?" "A do costume. Ao primeiro terço da refrega lê-se o que V. Ex.<sup>a</sup> escreve e não se dá attenção ao que o seu adversário diz." E após uns momentos de concentração, Camilo, entre outras coisas, acrescentou: "Sempre que um dos novos me agride, ha quem me aconselhe a não fazer caso. Foi assim quando V. me provocou. O Teixeira de Vasconcelos escreveu-me de Lisboa: "Não responda. Este sujeito não guarda o decôro". E eu respondi ao Teixeira: "Nem eu. Quem melhor as tem melhor as joga." E ainda por último disse Camilo: "Os rapazas dão-me, mas eu reajo, como se vê."

Era assim o Mestre.

Tinha ímpetos leoninos e garras tão fêmeis que deixavam o adversário a escorrer sangue. Mas, alma nobre e compassiva, acabava quasi sempre por se reconciliar com as suas vítimas. Assim succedeu com o Silva Pinto, e parece que com o próprio Alexandre da Conceição. Mas a respeito d'este digo-o com toda a reserva. Por uma razão muito simples. Segundo se lê no *Calendário Histórico* de um antigo jornal do Porto e na *Encyclopédia Portuguesa*, os dois contendores reconciliaram-se, e Camilo prestou a Alexandre da Conceição a mais calorosa das homenagens. Mas, como este ponto é de importância, hesitei em dá-lo como averiguado sem prévia confirmação, comquanto o meu espirito se incline para a afirmativa. Os homens de génio e de talento, como Camilo, são, em geral, dados à benevolência, à generosidade e ao esquecimento de offensas e agravos recebidos. "Era — diz Silva Pinto — o mais completo e puro tipo de "fidalgo", assim no aspecto como no trato, que eu tenho imaginado na vida."

Ora se da parte de Camilo houve na contenda alguma irritação menos bem cabida, aliás desculpável em quem como êle pontificava em literatura e se via súbitamente agredido por um literato vinte annos mais novo do que êle; da parte de Alexandre da Conceição tem de entrar em linha de conta o entusiasmo e o ardor com que se havia lançado na escola realista, que êle imaginou menoscabada ou ridicularizada nas obras de Camilo.

Era um mal entendido, e êsse mal entendido foi a origem d'essa polémica, tanto mais lastimável quanto é certo que, antes d'ela, Camilo, autor do *Cancioneiro Alegre*, e n'ele avaro de elogios, teceu-os em barda a Alexandre da Conceição, com quem teve maciezas de tratamento, chamando-lhe *bom poeta, doce cantor das Alvoradas, e seu amigo*; e, falando de um poemeto d'ele, — d'ele Conceição, entende-se — aproximou-o de Musset e de Heine.

Por seu lado, Alexandre da Conceição, oferecia a Camilo os *Versos de um caturra*, uma sátira aos poetas janotas, como pôde ver-se no *Cancioneiro*. Esses versos não são feios. Mais bonitos, porém, são os que publicou na *Grinalda*, jornal de Nogueira Lima, e nas *Alvoradas*, onde ha belas e excellentes composições poéticas. Escritor de grandes versos, Alexandre da Conceição abandonou mais tarde a poesia e escreveu o livro *Traços de Crítica* e vários artigos em jornais e publicações periódicas.

Engenheiro e burocrata distintissimo, faleceu a 11 de Outubro de 1889 no cargo de director das Obras Públicas do distrito de Vizeu.

A sua morte foi uma perda para a literatura portugueza, e, agora que já vão distantes os ecos d'essa terrível peleja de que largamente tenho falado, vejo este facto deveras lamentável: Irmanado no esquecimento a Camilo, Alexandre da Conceição ainda não tem, nem sequer na sua terra que lhe foi berço, um mausoléu, uma lápide, que recorde aos vindouros a sua memória. Triste apanágio dos homens de letras.

Tondela, 14-7-915.

EDUARDO DUARTE.

### Pensamentos

A ignorancia é um predicado congenital e pôde ser inoffensivo; a calúnia é uma arteirice violenta e nunca deixa de ser malevola.

A saudade é a poesia de todo o homem. O que melhores poetas tem dito, melhor o tem sentido pessoas que nunca fizeram versos. Onde virdes um homem recolhido com sua saudade, ahí está um poeta, porque poesia não quer dizer senão: *entevo doloroso*.

CAMILLO CASTELLO BRANCO.



## O MEU CONDÍSCIPULO

I



HA vinte e dois annos!  
Lembranças da minha vida de ha vinte e dois annos!  
Isto é que é um triste e verdadeiro cavar em ruínas!...

Estudava eu chimica na academia do Porto. De dois condiscipulos sómente me recordo bem. Um era o melhor estudante; o outro, ultimo da lista, seria o peor do curso se eu lá não estivesse. O primeiro era pharmaceutico: chamava-se Francisco Pereira de Amorim e Vasconcellos. O outro era alferes de infantaria, filho de gente notavel do Porto, duellista, paralta, galã de muito boas tretas: chamava-se Antonio Augusto de Macedo Passos Pimentel. O seu mais amigo condiscipulo devia ser o mais inimigo da chimica: era eu. O nosso lente, o senhor frei Joaquim de Santa Clara de Souza Pinto, nunca teve o gosto de nos ouvir. Quando nos chamava, ou não nos via, ou nós não tinhamos visto o compendio, que por signal se chamava o *Lasagne*, parece-me que era: pela orthographia do nome não fico. Fugiamos da aula de cócoras, quando o sol de Deus nos estava incitando á rebellião. Com que tristeza eu via o sol e invejava a minha vida lá das serras d'onde viera a estudar o sesquioxido de ferro e o bicarbonato de soda n'aquellas frias salas do convento da Graça! O meu condiscipulo Passos abundava nas minhas ideias lyricas ácerca do sol. E por isso fugiamos ás recuadas, quando o nosso condiscipulo pharmaceutico tinha absorvidas as attenções com a sua eloquencia recamada de *protos*, de *deutos*, de *bis*, de *sesqui*, de *pillhas*, de *retortas* e varias coisas com que os homens entreteem a vida para não morrerem de tédio.

Ainda me lembro d'outro condiscipulo, homem feito, já medico-cirurgico n'esse tempo, sujeito grave que não nos dava im-



portancia como quem receiava pegar-se da gafa da nossa vadiagem e rapazice. Era o senhor José Barbosa-Leão, hoje jornalista, já duas vezes secretário geral do governo de Moçambique, pessoa de muito juízo, muita prudência, e bom amigo de toda a gente, segundo entendo.

Não me lembro já se o alferes fez acto de chimica. Eu fiz! O meu ponto era o *Kermes mineral* e não sei que mais. Tirei-o com outro infeliz da minha tempera em chimica. Fui para um quarto andar onde eu morava na rua dos Pelames. Do quarto andar subi ao telhado com o compendio e uma viola. A mulher que eu amava, vivia n'uma trapeira da rua do Souto, e estava lá a mondar mangericões. Vi-a, sentei-me na espinha do telhado, e, ao arpejo da viola chuleira, cantei-lhe umas trovas, que eram a negação de toda a chimica, ou se pareciam com as theorias da sciencia em formarem no telhado o polo positivo com que as correntes electricas se haviam de estabelecer, dado que a visinha se constituísse polo negativo: como de facto.

Assomou ao telhado o estudante emparelhado comigo para a hecatombe do dia seguinte: ia estudar, communicar-me os seus conhecimentos e participar dos meus. Que chalaça!! Traduziu pessimamente os prolegomenos do compendio, e foi-se convicto da sua perdição e da minha.

Ao anoitecer, ainda eu não sabia a que pagina do livro estava a materia do ponto. Deliberei ás nove horas da noite não fazer acto, e fui ouvir a musica á porta do quartel general.

Estava eu embevecido na aria da *Norma*, quando senti no hombro pousar-me amigavel mão.

— O senhor por aqui?! perguntou-me alguém.

Voltei-me e vi o meu sabio condiscipulo Amorim de Vasconcellos, o estudante premiado, que, n'aquelle tempo, devia orçar pelos seus trinta annos, e já era administrador da botica do hospital da Trindade, se bem me lembro.

— Por aqui em vespera de ponto?! tornou elle.

— E' verdade...

— Já estudou?

— Nada.

— Então?

— Não vou fazer acto.

— Por que não sabe o ponto?

— Justamente.

— Venha comigo que eu ensino-lh'o. Venha, que é uma desgraça perder um anno!

E levou-me pelo braço.

Escutei-o até ás duas da madrugada. Quando sahi, sabia o ponto, sabia os rudimentos da chimica, sabia a historia e a philosophia da sciencia, conhecia Berzelius, Gay Lussac, Orphila e não sei quem mais.

Adormeci como um justo e acordei com a cabeça mais pesada que uma egual do kermes do ponto.

Sooou a hora do acto. Já de antemão os condiscipulos me davam pêsames: dizia-se que eu, além de ser um parvo chimicamente fallando, tinha 48 faltas, afora 22 abonadas, 7 *negas* e 5 *fugidas*.

O senhor Santa Clara estava na presidencia com ar funebre. O meu consocio do holocausto entrou como moribundo que não pudesse morrer sem fazer acto de chimica. Eu ia alegre com a minha sciencia e trez calices de licor de canella.

Que acto eu fiz! Desenruguei a fronte do lente, enchi de jubilo os arguentes, espantei os condiscipulos e fui aprovado *nemine discrepante*. E, o que mais é, salvei o meu condiscipulo, que tinha sido menos boçal do que eu, e frequentára exemplarmente... os bancos da aula. Se eu não fui reprovado fôra escandalosa a reprovação do outro. Deram-lhe um *r* que elle agradeceu com o coração nos labios, não maculados de uma só palavra escorreita em materia de chimica.

Amorim abraçou-me, levantou-me á altura da sua optima cabeça e disse-me:

— Se não fossem as *negas* e as *fugidas*, o premio devia ser seu!

Radiava de alegria o bom homem! Tinha razão: fizera-me o assombro de todos; creára-me a reputação em 4 horas, com a sua linguagem tersa, clara, insinuante e ameno como devêra ser o methodo de quem ensinasse chimica a senhoras.

## II

Dois annos depois, cursava eu as aulas de Coimbra, e soube que tinha morrido thysico o meu condiscipulo Passos Pimentel.

Amorim e Vasconcellos não tornei a vê-lo senão 5 annos depois. Consultei-o sobre as minhas precoces enfermidades de velho, e achei-o esquisito, assim com umas divagações incoherentes por coisas de telhas acima, com um rosto amarello como crestado ao reverbero das retortas de Paracelso, desvairado por espiritualidades e methaphysicas onde eu cuidava que ninguem podia ir sem passaporte para o reino da sandice. O sandeu, não desfazendo em ninguem, verdadeiramente não era elle. Hoje em dia, vão tão altaneiros os tolos que já é modestia não dizer a gente que é tanto como elles.

Interpunha-se anno e mais sem que nos vissemos.

Fundou-se em 1853 a creche de S. Vicente de Paulo no Porto. Fizeram-me vice-presidente, fiscal ou não sei que governança d'aquillo. Achei-me com Amorim de Vasconcellos, eleito

secretario da creche. Conversamos. Estava elle com uma febre cerebral de homœopathia. Explicou-me lucidissimamente as theorias hahnemanicas e facil gloria grangeou em converter-me. Amorim entendia o mysterio das dynamisações infinitesimales. Não duvidava assegurar-me que dez gottas de *nux* lançadas das Berlengas ao mar podiam converter o oceano n'um remedio bom para dôres de estomago, cabeça e outras. As demonstrações sahiam-lhe claras e irrecusaveis como uma operação algebraica.

Por occasião do cholera-morbus em 1857, Amorim escreveu judiciosas considerações sobre as epidemias, e polemicou virulentamente nos periodicos com os contradictores das suas doutrinas. Escreveu tambem sobre homœopathia na gazeta especial d'aquelle systema. Era violento nas refestas: qualidade inseparavel dos apóstolos incendiados na sua fé; todavia, pugnava com engenho e cerrada dialectica.

Em 1858 abundavam-lhe os bens de fortuna. Começou então a martelar-o o pensamento de casar-se. A idade já não era muito para lyrismos conjugaes; além de que, o pharmaceutico, desangrado pelos vampiros do espiritismo, estava feito um grande osso envolto em pelliculas.

A mim, injusto apreciador das damas talvez, pareceu-me que a mulher dedicada áquelle sujeito assim nú de tecidos vitaes, levava em mira desarticular-lhe os ossos e apanhar-lhe o peculio. Argumentei contra o matrimonio, dadas certas circunstancias, e gabei-lhe as nupcias com o ideal, as deleitações misticas do intellecto com a sciencia. Não affirmo que estas farfalhices o desandassem do intento matrimonial: é certo que não casou.

N'este tempo, bem que serodiamente, andava elle ainda scismando com as mesas de pé de gallo movidas pelo impulso magnetico dos dedos.

Explicou-me a todas as luzes o phenomeno, que eu fiquei percebendo perfeitamente.

Passados dois annos encontrei-o afanado em experiencias de somnambulismo. Tinha elle achado uma somnambula lucidissima. Era uma actriz do theatro de S. João, chamada Jesuina, creatura que orçava pelos quarenta, se não boa para magnetisação, optima para dormir tanto quanto havia feito dormir as plattas. Trez vezes assisti a sessões de somnambulismo de Jesuina, magnetizada pelo sujeito que era de si um grande tubo de fluido electrico, um electróphoro, uma pilha voltaica, um enorme agulheiro de coriscos e faiscas.

Jesuina, por não ter coisa melhor que fizesse, adormeceu refestelada n'uma poltrona. Chamada á região de psyche pelo impalpavel pharmaceutico, não deu rumor de si. A primeira e unica prova, que ella me deu da sua lucidez somnambula, foi res-

sonar pelas fossas nasaes entupidas de rapé vinagrinho. D'ahi a pouco espertou atarantada, fallou á orelha do magnetizador, e este communicou-me á puridade as causas impeditivas do somnambulismo. Quando seja preciso, hei-de dizel-as tambem ao ouvido do leitor.

Inferi d'este irrisorio espectaculo que o meu pobre Amorim era industriosamente logrado pela actriz, peccado que, a meu ver, lhe não será carga no outro mundo, onde está, nem n'este lhe deve marcar a memoria. D'aquella verdadeiramente pôde dizer-se que viveu do seu espirito, quando a materia pertencia já aos paradoxos anatomicos.

Entretanto, Amorim de Vasconcellos, cada vez mais subtil e etherio, começava a descrever da existencia da molecula corporea, e a dar tacitamente como exemplo da veracidade da sua abstrusa opinião, . . . . .

Em 1859 encontrei-o triste, recolhido e translucido. Trocamos curtas phrases, das quaes apenas me lembra duas das suas. Foi isto:

— O logar dos espiritos não é aqui.

— No Porto? perguntei.

— Não: no globo sublunar.

Apertou-me friamente a mão e caminhou.

Volvidos poucos dias, Francisco Pereira d'Amorim e Vasconcellos debruçou-se n'uma janella do terceiro andar da sua casa na rua do Bom Jardim, inclinou-se o bastante para destruir o equilibrio do corpo sobre o peitoril e deixou-se cair. Minutos depois, estava morto.

Tinha feito seu testamento muito de espaço e judiciosamente. Parte de seus bens legou á botica homœopathica, parte á creche de S. Vicente de Paulo e parte aos parentes.

Entre os legados menores deixava 200 mil réis á sua somnambula Jesuina.

Depois é que entendi cabalmente o sentido das suas palavras: "o logar dos espiritos não é aqui."

Amorim era doutissimo na sua especialidade, e, sem favor, o primeiro chimico experimental do Porto. Era disertissimo e correcto; bemfazejo, liberal, com os pobres e comsigo, austera-mente economico e abstinente.

Devo á sua memoria esta noticia em paga de me elle ajudar a fingir uma vez que eu sabia chimica.



## Um soneto de Camillo



DECIDIDAMENTE Camillo Castello Branco nunca foi um grande poeta, ou, por outra, nunca soube fazer bons versos; começou a sua larga carreira litteraria a versejar (a sua primeira composição foi uma ode que vem inserta no prefacio ao livro *Ao anoitecer da Vida*), e a escrever versos a terminou (crêmos que a ultima produção foi *As raças latinas*, fragmento de um poema inedito intitulado *Exterminio da Inglaterra*, o qual veio publicado em folhetim no n.º 4 do jornal do Porto *A Republica*, de 22 de Abril de 1890), mas uma verdadeira poesia, uma poesia cheia de fogo, de enthusiasmo, de vida, d'aquelle *quid* divino, que a natureza só a muitos raros concede, isso nunca conseguiu Camillo fazer.

O que d'elle mais completo se conhece em verso é *A maior dôr humana*, soneto consagrado á morte quasi simultanea dos dois filhos de Theophilo Braga, e ácerca do qual Junqueiro disse a seguinte phrase:

“O soneto que elle dedicou a Theophilo Braga, na occasião em que morreram os dois filhos d'este poeta, é uma verdadeira obra prima! Na poesia portugueza devem ficar três sonetos: o de Camões:

*Alma minha gentil que te partiste*

o de João de Deus:

*Foi-se-me pouco a pouco amortecendo*

e o soneto de Camillo Castello Branco.”

Mas todos sabemos muitissimo bem que Guerra Junqueiro, assim como outros grandes talentos que nós conhecemos, sacrificam ás vezes o seu sentir a uma especie de preocupação: a de fazer bellas phrases.

Temos aqui, sobre a nossa mesa de trabalho, o original de uma das poesias de Camillo, e que, sob o titulo *Resignação*, veio publicada

em tempos no *Imparcial*, diario de Lisboa, sem nome de auctor, e foi mais tarde reproduzida no livro *Obolo ás creanças*; para que essa poesia apparecesse a publico perfeita como appareceu, leve de ser alterada e corrigida em mais d'um ponto por um poeta distinctissimo, um dos primeiros da nossa terra, e amigo intimo do grande romancista: n'esse original do proprio Camillo vêmos nós versos trancados quasi por completo, e substituidos, em entrelinhas, por outros absolutamente diversos do primorosissimo poeta; por aqui se pôde avaliar do merecimento das composições poeticas de Camillo.

E a que proposito virá tudo isto? perguntará e com toda a razão, o leitor.

A' apresentação d'um soneto de Camillo, que julgamos inedito, e que devia ser incluído n'um dos ultimos livros publicados de Camillo, do qual foi propositalmente retirado, por motivos que nos são absolutamente desconhecidos, pelo distincto homem de letras que teve a seu cargo a coordenação d'esse livro.

D'elle conseguimos haver á mão uma copia e sentimos grande prazer em dal-o a publico. Eil-o:

### Os meus amigos

Amigos centos e dez e talvez mais,  
Eu já contei! Vaidades que eu sentia!  
Pensei que sobre a terra não havia  
Mais ditoso mortal entre os mortaes.

Amigos cento e dez, tão serviçaes  
Tão zelosos das leis da cortezia,  
Que eu já farto de os ver, me escapulia  
A's suas curvaturas vertebraes.

Um dia adoeci profundamente,  
Ceguei. Dos cento e dez houve um somente  
Que não desfêz os laços quasi rotos.

*Que vamos nós (diziam) lá fazer?  
Se elle está cego, não nos pôde ver...  
Que cento e nove impavilos marotos.*

Não será de Camillo este soneto? Não terá bem o cunho de sarcasmo e de ironia peculiares ao grande escriptor?

Ninguem o poderá negar.

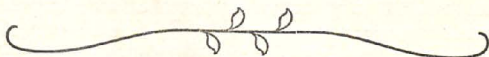
Acima dizemos que *julgamos inedito* este soneto; não affirmamos que o esteja, porque foi escripto n'aquelle periodo em que os jornaes do paiz á porfia andavam solicitando do prodigioso escriptor produções suas, e quem sabe se algum jornal o terá publicado.

Possuimos, porém, quasi todos os jornaes em que vieram essas producções, que foram mais tarde colleccionadas em livro, mas o soneto em questão não o encontramos em nenhum d'elles, e do livro, como já dissemos, foi elle propositalmente aspado.

Affigura-se-nos, pois, que damos ao leitor uma novidade litteraria publicando-o aqui.

HENRIQUE MARQUES.

(Este artigo foi publicado na *Revista Illustrada*, em 1890).



### A maior dôr humana

(Justamente reputado o melhor soneto de Camillo)

*Que immensas agonias se formaram  
Sob os olhos de Deus! Sinistra hora  
Em que o homem surgiu! Que negra aurora,  
Que amargas condições o escravisaram!*

*As mãos, que um filho amado amortalharam,  
Erguidas buscam Deus. A Fé implora.  
E o céu que respondeu? As mãos baixaram  
Para abraçar a filha morta agora.*

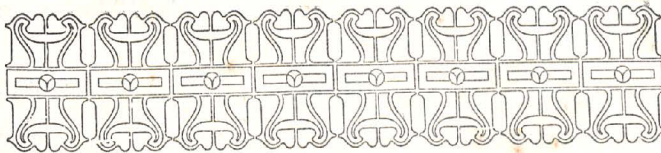
*Depois, um pae que em trevas vae sonhando  
E apalpa as sombras d'elles onde os viu  
Nascer, florir, morrer!...*

*Desastre infindo!*

*Ao teu abysmo, pae, não vão confortos.  
E' coração que a dôr empederniu,  
Sepulchro vivo de dois filhos mortos.*

27 de Junho de 1887.

CAMILLO CASTELLO BRANCO.



Ligeiros apontamentos para os

## “Avarentos de Camilo,,

O Bento da “Morgada de Romariz,,

I



ENTRE o muito a dilucidar na obra estupenda de Camilo, avulta, incontestavelmente, o estudo beneditinamente esmiudado da sua larga e extraordinária galeria de personagens.

Num escuro livro, a grande pressa feito num entendido fim de ano universitário, tentei o esboço duma camiliana-criminal. Volto, longo tempo transcorrido, a carrear mais algumas pedras soltas para aquele esplêndido edificio.

Porque se não compadece do espaço que galhardamente me concedem, um longo esfiar de personagens e pormenores, esboço apenas o perfil goiesco do Bento, o sórdido e original avarento da “Morgada”, sem dúvida o mais brilhante e profundamente característico dos avarentos camilianos.

\*

O avaro, mais ou menos tortuoso de espirito, anómalo de caracter, falso de senso moral, monótono de grandesas, de perseguições e de ouro — é de todos os tempos.

Um pio e rancido catedrático de Escritura que faz hoje o gáudio e a ambição dos bibliófilos — Paulo de Palácio — por volta de 1566 definia com pitoresca gravidade e descompassada

ingenuidade os avarentos: «andão com lingoa atrás o dinheiro... são duros em ter e curtos em dar» (1).

Gil Vicente, na pungente e crua sátira contra Roma — *Auto da Feira* — põe na boca dum jovialíssimo diabo:

«... quem muito quizer ter  
Cumprê-lhe ser primeiro  
O mais ruim que pudér» (2).

E na «perfiguração» da Barca do Inferno da admirável e fantasista trilogia das *Barcas*, o onzeneiro ladravaz e cínico com o «bolsão» atochado de ouro, tem entre vários lances este torturante e angustiado lamento:

«Lá me ficam de rondão  
Vinte e seis milhões n'ũa arca»

de par com a ironia sangrenta do diabo:

«Ora muito m'eu espanta  
Não vos livrar o dinheiro» (3).

Jorge Ferreira de Vasconcelos, na sensabor e insípida *Ulyssippo*, comédia que vale unicamente como subsídio precioso para um copioso adagiário e para um rico vocabulário do baixo falar do século XVII, põe na boca de *Parazito* («hum jão de boa alma» na expressão pitoresca dum outro personagem) estas curiosas palavras:

«*Livre-me Deos de gente avara, peor estado he que ser entrêvado. Avião de viver fora dos muros como Lazaros... E não ha paciencia que sofra ter um cabrão gosto de entisourar para erdeiros ingratos... Arvore sem fructo, pinheiro sem frol, doentes de hidropezia*» (4).

Um dos muitos outros anónimos do derradeiro quartel do século XVI, intitula-se «Auto do Rico avarento e Lazarô pobre» (5).

Fr. Luiz de Sousa fala algures com ingénua graça original, das «mãos paralíticas» do avarento (6).

(1) *Summa Caretana* (Coimbra, 1566), 30 vol.

(2) *Obras* (ed. 1852), I, 158.

(3) *Obras* (ed. 1852), I, 219 e 220.

(4) *Comédia Ulyssippo* (Lisboa — 1618) — acto II, sc. VII, fl.º 114 e 14 v. Parazito tem na comédia rubrica de «chocarreiro».

(5) Sr. Dr. Teófilo Braga — *História do Teatro Português* — sc. XVI, 325.

(6) *Vida de D. Frei Bartolameu dos Martyris* (ed. 1763) tomo II, pag. 37.

O celebrado Judeu, numa das suas mais pícaras e destravadas «óperas» — *Guerras do Alecrim e Mangerona*, dá-nos em D. Lanserote, uma hilare e truanesca figura de avarento, grotescamente tímido, poltrão, entranhadamente cioso do seu dinheiro, e de duas desfaçadas sécias, suas sobrinhas (1).

Manuel de Figueiredo, o insucedido reformador do teatro, além do «Acredor» figura uma modalidade curiosa e rara, embora teatralmente inferior — «O Avarento dissipador» (2).

No século XIX (apontando fugidamente) ressurgiu, pujantemente, o avaro quasi sempre rebuscado de tempos idos... (3)

## II

Bento, o pedreiro maltrapido e avaro, é bem conhecido de quantos, amorosamente, lêem Camilo.

De seu irmão — o Joia — negociante que pelos fins do século XVIII morrêra em Lisboa, herdára 3:000 peças de 7\$500.

De regresso a Famalicão «envergava um tabardo velho de briche que exhibia com visagens consternadas, dizendo que não herdára outro do irmão, o qual tudo gastára e morrêra pobre». «O pedreiro, anota Camilo, supondo que o acreditavam era boçal à proporção de avarento.»

A herança de tão avultados haveres fez apoiar nêle, numa eclosão bárbara, mais e mais a nauseante sordícia, a descompassada avareza. A sua ideia-fixa, torturante, única, absorvente é a paixão do ouro.

Não o assalteia nenhum outro pensamente, vago sequer, não vibram os seus nervos lassos a outra sensação. O próprio trabalho, pouco produtivo e miserável de desbastar e britar esteios, é, puramente, um episódio passional, a ânsia tórpe e insofrida de amealhar magros cobres e o arteiro fito de evidenciar a sua hedionda miséria. O seu alimento único são duas pequenas malgas de caldo, mal adubadas, migadas de borôa escassa e dura. E' êle mesmo quem o prepara enquanto pôde.

Nas noites álgidas de inverno aquece-se ao lume de poucos grabatos, o menor sussurro o apavora, apertam-se-lhe as cordo-

(1) Na ed. de Coimbra (1905) o Sr. Dr. Mendes dos Remédios, num erudito e lúcido prefácio traça o perfil cómico de D. Lanserote. Semicípio, o criado ladino (p. I, sc. I) caracteriza, pitorescamente, o avarento.

(2) Teatro de Manuel de Figueiredo. Tomos X e XII.

(3) V. g. o *Bartolomeu* da «Rua Escura» de Coelho Lousada; o Pedro Lavareda do «Castello do Almourolo» de Rebelo da Silva; os 3 irmãos da adorável fantasia de Eça de Queiroz — «O Tesouro» (Contos), etc.

veias do pescoço em gritos roucos de «aqui-del-rei», em agonias de pavor, se um porco erradio esfoça à porta,—alucina-o o temor de ser assaltado. É duma perversão afectiva que espanta. Não tem um amigo: apenas o compadre, o coronel da Igreja Velha, tem sobre ele um frouxo ascendente, arrancando-lhe, depois de repetidos e persistentes pedidos—e antes da morte do «Joia»—uns dois mil cruzados a juro subido.

No entanto, morto aquele, não cessa de bradar ao filho contra o coronel, hipócritamente:

«Tudo o que eu tinha dei-o a guardar ao coronel, Deus lhe fale n'alma, e tudo lá ficou.»

Amor nunca o sentiu.

Lucila-lhe a relanços, a uma pálida réstea de remorso pela mulher que padecera sem cirurgi<sup>o</sup> e morrêra sem botica e fôra indignamente enterrada, tudo isto assim desgraçado e infame, porque ele não quisera bolir «em vinte e quatro moedas».

Para o irmão, que fôra sempre honrado e dadivoso, tem a odienta acusação de perdulário—«tudo gastára e morrêra pobre».

Quanto ao filho, ver-se-ha ao diante, o ódio sórdido que lhe devotava.

Quando o neto, morta a mãe, fugidico ao pai, o procurou faminto e roto, «apenas lhe dera estopa para umas calças e um chapéu de Braga mais rapado que a escudela dum cão».

Toda a sensibilidade se lhe ia embotando, esmagada, diluída, dia sobre dia, na paixão dementada, infrene, do ouro.

Documento de grande valor, admirável de sobriedade e concisão, é a descrição do casebre:

«Na lareira entre cinzas a panela de barro debruçada e duas tijelas na trempe, o escabelo corroído do caruncho, e a espaços espumando de gorduras lustrosas, o catre de bancos e a enxerga rota e arripiada de palhiço: a candeia de ferro enganchada na parede: por baixo, pingada de sail, uma banca de pau santo com os pés torneados, mas com as roscas esborcinadas e gavetas de pinho em bruto com puxadores de corda. Sobre a miséria dos trastes, o lixo, a sordícia... Aos pés da cama havia uma rima de cascabulho, grabatos de lenha, ferramentas quebradas, rodilhas e cacos. Em uma forquilha de quatro esgalhos, pregada na trave mestra, pendia coberto de foligem da lareira o albornoz poído que o irmão do Joia dizia ter herdado.»

Nesta síntese brilhante e primorosa devem de rever-se os ardilosos detraidores de Camilo e cortejá-la, desapassionadamente, com os minucios infinitesimais e por vezes entediantes de Balzac, Stendhal ou Taine, ou com o longo, paciente e a relances difuso esmerilhar psico-fisiológico de Bourget! quando o filho—o Fáisca—desertou da tropa ao rumorejar dos fartos haveres herdados, depois de larga e azêda disputa com o pai, que encontrou mise-

rável e faminto, o velho, na sua rude avareza, maravilhosamente típica, tem imprecações e *gestos* que bastariam a alcandorá-lo, sem menospreço ou espírito fanático, capaz de *Graudet*, de *Harpagão* ou do sangrento *Shylock*—para só citar tradicionais e memoráveis moldes clássicos—«Aí tens a chave: procura as peças, que eu dou-t'as...».

Quando do assalto ao casebre, apesar de lhe intimarem facinorosamente, um cenário horripilante de tragédia—o dinheiro ou a vida!—o velho ergue as mãos, gagueja «como tolamente espantado» e não obstante ter o ouro ali, numa caixa envasada na parede, à cabeceira do catre, consegue articular, num esforço supremo:

—«Eu não tenho o dinheiro aqui, meus senhores...»—afirma que o tem enterrado sob uma fraga a três quartos de légua «como se expôr a vida, salvando o dinheiro, lhe fosse consideravelmente melhoria de fortuna».

Até naquele transe—fatalmente o derradeiro—conhecida por demais a fúria e a ausência de escrúpulos, dos bandidos, o persegue, inexoravelmente, obstinamente a ideia fixa do ouro.

Mais do que nunca se enraiga, concentra, apaga as mínimas résteas de sensibilidade, aspa o mínimo gesto, o mais ínfimo esforço de defesa domina-o inteiramente, dementa-o. É o minar lento e surdo da demência senil. Um cérebro normalmente conformado, de escasso senso crítico embora, num transe extremo como este titubearia, confessaria. Bento lagrimeja, tartamudeia, é facto, mas desorienta, prefere morrer a trair o esconderijo.

As lágrimas, o arrastar tardo da fala, não traduzem, porém, uma tibieza de momento ante a apavorante ameaça, um instintivo lance defensivo, o que envolveria um relâmpago de fugidia lucidez ou um assômo brusco e instantâneo de vontade que já não poderiam despertar naquele cérebro quasi apagado.

São puramente uma *pausa* rápida para voltar imediatamente à sua ideia inicial, constante, permanente.

As lágrimas e o tartamudo da linguagem são actos exclusivamente materiais, uma natural reacção orgânica, resultante do medo, sem a mínima equivalência psicológica:

Senão vejamos: Um quarto de légua andado devagar, numa noite tempestuosa e negra, o terror pânico de marchar entre salteadores, as constantes ameaças de morte, à longa demora chegados à frágua, todas estas circunstâncias agravadas pelo facto de os ter afastado do casebre (se pudesse ainda que rudimentarmente raciocinar, medir levemente as consequências) seriam mais que suficientes a desorientarem, a fazermos confessar qualquer que não fosse como Bento um perseguido violentamente, implacavelmente duma ideia fixa.

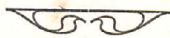
Gaudet (1), que tem sido considerado como um louco, é ao lado de Bento quasi um equilibrado. As suas últimas palavras para a filha, embora reflectindo a sua acentuada paixão do ouro, são: «*Tu me rendras compte de ça la bas*».

O pedreiro no lance extremo, mal gagueja palavras inintelligíveis, monossílabos roucos, fulmina-o a apoplèxia e fica «deitado de costas sobre uma moita de codeços, com os braços hirtos e abertos em cruz, os punhos cerrados e os olhos envidraçados de lagrimas.»

O colossal esforço inconsciente de salvar o seu dinheiro matou-o.

.....

JORGE DE FARIA.



### “O Morgado de Fafe amoroso”

ESTA comedia foi pela primeira vez á scena em 2 de Fevereiro de 1863, no theatro de D. Maria, em Lisboa.

Caíu redondamente, porque o publico d'aquella epoca tendo da moralidade uma concepção diversa da da epoca actual, não aceitou como de boa liga as liberdades do comediographo, chamasse-se elle, embora, Camillo Castello Branco.

Um jornal do tempo, o *Diario Mercantil*, de 5 d'aquelle mez, fez-lhe assim a critica theatral:

«No theatro de D. Maria II, naufragou hontem o *Morgado de Fafe amoroso*, comedia em 3 actos de Camillo Castello Branco. Quem conhecer as *Scenas da Foz*, do mesmo auctor, conhece logo o *Morgado*.

A peça, como todas as obras de Camillo, está dialogada magistralmente: faltam-lhe, porém, as condições essenciaes de uma obra dramatica.

O primeiro acto é um folhetim engraçadissimo; o segundo e terceiro masadores. No decurso da peça ha ditos de uma moralidade equivocada, e que honram pouco a censura. As scenas do ultimo acto são baseadas n'uma infamia monstruosa, que por modo algum deveria ser posta em scena.

O publico pateou o *Morgado de Fafe*, e com razão, porque o theatro deve ser uma escola de delicadeza e de moralidade.»

SEBASTIÃO LIMA.

(1) O sr. dr. Mendes Correia, na sua interessante e original tese *O genio e o talento na pathologia*, assim o classifica a páginas 13.



## Camillo no Brazil

### UMA FESTA EM SUA HOMENAGEM

promovida e realisada no Gremio Republicano Portuguez, do Rio de Janeiro, commemorando o 25.º anniversario da morte do Mestre.

Como a descreve O PORTUGAL MODERNO,  
jornal fluminense.



M 16 de Março de 1825 nasceu em Lisboa o homem que, ao morrer, havia de legar á patria um dos maiores monumentos da litteratura portugueza; esse homem, a quem a desgraça feriu na propria familia e n'aquelles que mais amava, perseguindo-o sempre até se refugiar na morte pedida a uma bala, chamára-se: Camillo Castello Branco.

Este nome é uma gloria nacional e a obra, firmada por elle em dezenas de volumes, garantiu, por si só, á patria portugueza o diploma incontestável da supremacia intellectual de seus filhos.

Se acaso pretendessemos fazer aqui um ligeiro commentario á assombrosa obra de Camillo Castello Branco, quantas paginas de estudo não teriamos de gastar! Elle escreveu sobre todos os assumptos: foi terrivel como polemista, grande no romance, profundo nas coisas historicas, suavemente lirico e amoroso nas suas poesias e até dramaturgo!

Não houve ainda em Portugal quem escrevesse tanto como Camillo Castello Branco, tanto e n'uma linguagem tão castiça e tão rica que o tornou o nosso ultimo classico.

Depois da sua morte a lingua portugueza ficou deturpada pelos arrebigues importados da litteratura decadente da França.

Camillo Castello Branco era um cerebro portentoso ao serviço d'uma vontade de ferro. A ultima epoca da sua vida ahi o está attestado: depois de cegar ditava as suas obras, e cheio de maguas e doença, não deixou um dia só de trabalhar, mas de trabalhar com o espirito!

Esse espirito foi sempre uma eterna mocidade que doenças e desgostos não conseguiram envelhecer ou quebrar.

Entretanto, toda essa riqueza cerebral foi bem mal paga por todos nós que somos portuguezes!

Camillo Castello Branco, que legou á sua pátria a obra do seu talento superior que vale thesoiros incontáveis, legou a sua familia, além do seu nome imortal, a miseria.

A propria casa que fôra a sua *thebaida*, d'onde, vivendo entre os livros, refugira o seu genio, e onde destruiu a sua existencia aflormentada,— essa mesma casa, um incendio, cujas causas ainda se ignoram, ha pouco reduziu a cinzas!

A memoria de Camillo acaba de ser, e ainda bem, solemnemente honrada este anno pelo Gremio Republicano Portuguez. Em 1 do corrente mez registrou-se o vigesimo quinto anniversario do seu suicidio, e o Gremio fez celebrar n'esse dia uma festa litteraria que foi uma homenagem muito digna e d'um cunho altamente patriótico.

A sessão solemne foi presidida pelo sr. Dr. Duarte Leite, illustre Embaixador de Portugal. Na meza, tomaram logar o illustre escriptor e muito digno consul geral de Portugal, sr. Dr. Alberto de Oliveira, o sr. Dr. José Augusto Prestes, presidente da Directoria do Gremio, o sr. Dr. Theodoro de Magalhães, distincto jornalista e advogado brasileiro, o sr. Eloy Pontes, tambem distincto jornalista brasileiro, o nosso illustrado amigo sr. Albino Valladas, o dedicado ex-presidente do Gremio, sr. Rufino Augusto Pires e outros cavalheiros.

Aberta a sessão, o sr. Dr. Duarte Leite pronunciou um substancioso discurso, do qual só podemos dar uma pallida ideia na pequena summula que d'elle vamos fazer.

O illustre diplomata disse:

«Quizeram os directores do Gremio que eu presidisse a esta sessão commemorativa do grande vulto da litteratura portugueza, que é Camillo Castello Branco. Agradecei-lhes a intenção do convite, e ainda que com esforço acquiesci a elle. Na verdade, tendo muito onde escolher, entre Portuguezes e Brasileiros illustres, não se pôde dizer que a designação do meu nome fosse muito acertada, porque me faltam os meritos litterarios que ella deveria suppôr, e que a minha posição não dá. Mas, tratando-se de glorificar um portuguez, a quem os portuguezes consagram estima e admiração, embora largamente conhecido e apreciado no Brazil, entenderam os promotores d'esta festa que cabia a distincção ao representante de Portugal, e assim m'o fizeram sentir. Eis por que me acho n'este logar, onde todavia não passo de um simples espectador, curioso de ouvir.

Sou um admirador de Camillo, mas não sou admirador incondicional de toda a sua obra, que é vastissima, e por isso mesmo necessariamente desigual. Os protogonistas das suas novellas, por vezes, interessaram-me pouco, talvez porque os li n'uma epoca relativamente avançada da vida, quando a visão mais nitida das coisas vem ensombrar os sonhos multicolores da mocidade.

E' que elles moviam-se n'uma esphera romantica, alheia á realidade, que já começava a existir para mim; os seus sentimentos afiguravam-

se-me ficticios. Habituaado á imaginação fecunda e poderosa de Balzac, que sabe revestir os seus personagens de uma vida intensamente real, á precisão, sempre rica e viva, de Flaubert, e á analyse profunda, talvez em excesso, dos auctores intitulados realistas, essas creações de Camillo pareciam-me, muitas vezes, eivadas do convencionalismo romantico, exemplares incompletos de uma humanidade diferente d'aquella que vemos quotidianamente. Mas sempre encontrei compensações ao desapontamento que ellas me causavam, e qualidades que resgatavam de sobra aquelles defeitos; eram traços de uma observação flagrante, reveladora de uma perspicacia que se escapava do campo das ficções; era a irrupção da veia sarcasica do auctor, desrespeitadora das convenções sociaes, era a linguagem elevada, rica e possante, ao mesmo tempo que genuinamente portugueza...

Se exceptuarmos o *Amor de Perdição*, romance de paixão que parece vivida e é o mais popular de todos, se exceptuarmos pouquissimos mais, as producções mais notaveis de Camillo pertencem á ultima quadra da sua vida, em que o seu espirito, sempre vivo, embora alcançado pelo soffrimento, soube dividir-se entre obras de imaginação, escriptos de polemista e trabalhos de erudição. Em todos esses ramos elle se mostrou um artista incomparavel, quer percorrendo as biografias de varios vultos historicos, aos quaes soube corrigir o caracter desvirtuado, quer contrapondo, com graça inimitavel, as suas ironias e sarcasmos á petulancia dos adversarios, quer finalmente procurando adaptar-se nas suas novellas á maneira de dizer e ás concepções que Eça de Queiroz, ainda incipiente e já admiravel, procurava introduzir no romance.

D'esse esforço proseguido por annos de infortunio e através do desconforto de doencas implacaveis, resultaram os estudos sobre Gil Vicente, Camões, Sá de Miranda, o prior do Crato e a Maria da Fonte, nos quaes Camillo mostrou dotes singulares de historiador sagaz e consciencioso; resultaram os escriptos mordentes e as polemicas brilhantes da senhora Ratazzi e dos Criticos do *Cancioneiro Alegre*, e da *Questão da Sebenta*; resultaram, por fim, os *Serões de S. Miguel de Seide*, as *Novellas do Minho*, e a série superior que vai do *Euzebio Macario* aos *Vulcões de Lama*, na qual não sei o que ha mais a admirar, se a analyse critica das personagens, se o estylo surpreendente e inconfundivel de que ella se reveste. Talvez, em minha modesta opinião, o melhor romance de Camillo n'essa epoca seja a *Brazileira de Prazins*, porque n'elle se encontram reunidos, em justo equilibrio, o estudo psychologico profundo dos caracteres, o enredo dramatico que os realça, as reminiscencias historicas que tornam a acção mais vivida, e a linguagem simples e poderosa, acerada e leve, que o vinha qualificando de ha muito de mestre da dicção portugueza. O seu estylo chegára então á perfeição, despido das galas um pouco pesadas do classicismo e tendo toda a riqueza d'elle; já não era na factura e encenação do livro, o romantico das *Memorias de Guilher-*



me do Amara], antes se inspirava no exame attento da realidade, e d'ella tirava lição.

Mas, mesmo n'essa phase, que direi suprema, do escriptor, Camillo revela como sempre o seu temperamento transmontano, sentimental e violento que foi, até o fim da sua vida, o seu tormento, a causa de quasi todos os seus grandes desgostos, aggravados com o padecimento physico. Desde os seus tempos de juventude galanteadora e turbulenta, que Ramalho Ortigão tão bem descreveu — creio que n'um prefacio ao *Amor de Perdição* — até á maturidade e á velhice elle foi sempre o mesmo homem, possuido da nevrose da paixão, arredado pelo infortunio, impetuoso na critica, refugiando-se das dores da vida na leitura, que foi n'elle immensa, para novamente se lançar n'ellas. A par d'isso, e sem embargo do conhecimento das litteraturas estrangeiras, foi sempre portuguez, isento de vislumbres, sequer, de imitação. N'esse particular excede a todos e por isso nos deve ser querido, mais que os outros.

Enaltecendo a memoria de Camillo e contribuindo para que o seu nome seja familiar aos portuguezes e brasileiros, e rememorando as suas obras, praticamos um acto de justiça, por um lado, e pelo outro prestamos homenagem ao genio portuguez de que Camillo é um dos mais altos representantes. Não pôde haver tarefa que dê maior prazer aos nossos corações e creio que elle despertará os mesmos sentimentos de agrado no animo dos que, embora de uma ou outra nação, nos estão tão intimamente ligados e partilham connosco da mesma lingua. »

As ultimas palavras do discurso de sua ex.<sup>a</sup> foram longamente applaudidas com muito enthusiasmo pelo auditorio.

Usa em seguida da palavra o sr. engenheiro, presidente da Directoria, José Augusto Prestes, que em bellas phrases agradeceu ao sr. dr. Duarte Leite, em nome do Gremio, a alta honra que lhe dispensou assistindo e presidindo a esta sessão solemne; e, aproveitando o ensejo e declaração de sua ex.<sup>a</sup>, de que se considerava alli como portuguez, que não como representante de Portugal, tinha o prazer e dever de affirmar que ao dr. Duarte Leite, grande republicano, professor illustre, e membro do maior realce da colonia, bastariam os seus merecimentos individuaes para, presidindo áquella sessão, mesmo abstrahindo do seu alto posto de Embaixador, estar alli por direito proprio, porque é n'um ou n'outro caso, o primeiro entre todos os portuguezes actualmente no Rio de Janeiro.

Estas palavras são acolhidas com grandes applausos.

A seguir falla o nosso illustre compatriota sr. Albino Valladas, que é recebido, como de costume, com enthusiasmas demonstrações de sympathia.

Embora diga após que não vai fazer um discurso, elle começa logo fallando de Camillo, que é o primeiro nome que profere, e de cuja individualidade e obra litteraria trata, deixando-se arrastar pela

sympathia e respeito que a sua memoria lhe inspira, isto com a habitual facundia e enthusiasmo. Apreciando-o como estylista impeccavel que soube remodelar a lingua patria, mesmo em breves palavras fez referencia a nomes dos muitos personagens que elle esteriolypara admiravelmente, demonstrando assim o orador profundo conhecimento da obra immensa de Camillo. Repetindo que não fazia um discurso, mas tendo-o effectivamente feito e muito apreciavel, declarou que a sua missão era desempenhar-se da agradavel e honrosa missão de apresentar ao auditorio o sr. Eloy Pontes, o intelligente publicista brasileiro, de que fez o mais caloroso elogio e o qual acquiescêra ás solicitações que lhe haviam sido feitas para pronunciar n'aquella festa o discurso official ácerca de Camillo. Ao terminar recebeu muitos applausos.

Usa então da palavra o orador official, sr. Eloy Pontes, que produz um bello trabalho sobre Camillo e sua obra, e de que só nos é lícito e possivel apresentar aos leitores nos seguintes trechos, que dão bem a ideia do valor d'esse discurso:

«Estylo é a arte de transmittir, com clareza, pensamentos e sensações. Camillo, compondo um estylo proprio, possuiu o segredo d'essa arte em grau eminentissimo. Este o seu alto valor. A circumstancia historica, entretanto, fez esplender seu genio em mais altas atmosferas. A Europa atravessava um instante agudo. O desastre de 1870 determinára a reacção intellectual na França, de que Flaubert fôra o toque de rebate. Daudet, Maupassant, os Goncourts e principalmente Emile Zola, proclamavam o «documento humano» como o ideal da novella. Coimbra esfervilhava. Augusto Comte, herdeiro legitimo de Aristoteles e de Descartes, pontos culminantes da philosophia, apparecêra, nor-teando as cogitações para rumos novos.

A França soprava ideias que transpunham os Dyrinêus e sacudiam o pó das *Sebentas* na cidade tradicional do Mondego. Organizava-se, o que hoje se pôde chamar, em linguagem nietzekaana, uma mutação de valores. Só o enfileirar de nomes, que vós conheceis sufficientemente, meus senhores, suggere o transe: Anthero do Quental, Oliveira Martins, Theophilo Braga, Eça de Queiroz, Ramalho Ortigão, Guerra Junqueiro e... para que citar mais?

Anthero, *Santo Anthero*, chefiou á revolta. *Bom senso e bom gosto* foi o pamphleto estandarte. Feriu-se o prelio, cujos rumores ainda resoam na historia litteraria de Portugal. Por indole, por fatalidade psychologica um polemista. Camillo teve de ser o mais aceso caporal na lucta. Seu genio estava ainda em plena florescencia.

Em um labor de largo transcurso contava já volumes que envolviam historia, archeologia, polemica, novellas e versos. O alvorofo da gente nova tinha de irrital-o.

Irritou-o. Intelligencia lucida, porém, comprehendeu a traição. O romance transpunha definitivamente a fronteira mediocre do simples entredo, das aventuras dramaticas sem mais nada. A psychiatria con-

quistava os dominios da novella, exigindo estudos de estigmas através do pittoresco episodio. Camillo, voltando os olhos, descobre os *aleijões* liricos de seus romances, que os novos chanceavam, e no prefacio do *Amor de Perdição*, escreve sensivelmente contrariado:

«Faz-me tristeza pensar eu que floresci n'esta futilidade da novella, quando as dores da alma podiam ser descriptas sem grande desaire da grammatica e da decencia. Usava-se então a rhetorica de preferencia ao calão. O escriptor antepunha a frequencia de Quintiliano á do *Collete encarnado*. A gente imaginava que os alcouces não abriam gabinetes de leituras e artes correlativas. Ai! quem me dera ter antes desabrochado hoje com os punhos arregaçados para espremer o pus de muitas escrophulas á face do leitor! N'aquelle tempo, enflorava-se a pustula; agora, a carne com vareja pendura-se na escapula e vende-se bem, porque muita gente não desgosta de se narcisar em um espelho fiel.

«Pois que estou a dobrar o cabo tormentorio da morte, já não verei onde vae desaguar este enxurro, que rola no bojo a Ideia Novissima. Como a honestidade é a alma da vida civil, e o decoro é o nó dos liames que atam a sociedade, lembra-me se vergonha e sociedade ruião ao mesmo tempo por effeito de uma grande evolução rigolboche. A logica diz isto; mas a providencia, que usa mais da metaphysica que da logica, provavelmente fará outra coisa. Se, por virtude da metempsychose, eu reaparecer na sociedade do seculo XXI, talvez me regosije de ver outra vez as lagrimas em moda nos braços da rhetorica e esta 3.<sup>a</sup> edição do *Amor de Perdição* quasi esgotada.»

Mas... capitulára, o grande escriptor, ante as preferencias unanimes pela Ideia Nova. Da capitulação nasceu *A corja*, que, annunciada como romance naturalista, foi mais uma *charge* á escola do que mesmo uma homenagem aos seus processos. Camillo obedece ainda á fatalidade do temperamento. As descrições dos typos, as paisagens, a satyra, principalmente a satyra, destacam-se como obras primas que os segredos opulentos da lingua não tinham facilitado a ninguém mais, antes ou depois d'elle. O prefacio d'esse romance é um trecho de prosa imperecível, uma maravilha de sarcasmo. O sarcasta, de resto, sacrificou sempre, em Camillo, o analysta. Rebelde aos moldes que os coimbrões acceitaram, aturdido pelas conquistas mentaes, de que Augusto Comte era o exemplo formidavel, Camillo deixou-se impellir á mercê das correntes... O seu orgulho não permittiu a tutella da escola nova, pela ficção azeda do espirito, contundido nas circunstancias mesmas do instante transitorio, não se filiou á orthodoxia dos processos em crepusculo. Por isso sahio do tumulto *elle só*. Não era classico, não era romantico, não era naturalista. Era Camillo Castello Branco...

Na sua peroração, que foi brilhantissima, o sr. Eloy Pontes referiu-se ao horroroso transe por que a humanidade está passando sob o flagello da guerra, e encerra o seu bello trabalho exalçando eloquentemente a raça latina.

O sr. Eloy Pontes foi alvo ao terminar dos mais entusiasticos applausos.

Antes do encerramento da sessão o sr. Prestes usou ainda da palavra para saudar os luso-brazileiros e o eloquente orador official que, pelo seu discurso, comprovára a belleza e profundeza da linguagem que fallam e escrevem os dois povos amigos e irmãos. Diz que se não houvesse todas as razões que comprovam a magnificencia e riqueza da nossa lingua commum, bastaria como resposta fulminante a uma personagem qualquer, que ha poucos dias ousou dizer ao publico que a lingua portugueza era o *tumulo do pensamento*, o discurso que acabava de pronunciar o sr. Eloy Pontes.

Estas palavras foram extraordinariamente applaudidas.

Em seguida é encerrada a sessão.

Foi uma festa deliciosa e bella, essencialmente litteraria, como uma homenagem condigna ao grande espirito que se chamou Camillo Castello Branco.

## QUEM RESPONDE?

1 — José Cardoso Vieira de Castro publicou em 1862, a 2.<sup>a</sup> edição do seu livro *Camillo Castello Branco* (noticia da sua vida e obras) que, além de vir mais correcta e augmentada que a precedente, insere varias criticas publicadas ácerca d'este livro. Transcreve-se n'elle tambem um prospecto feito para a publicação da 1.<sup>a</sup> edição e assignado por *Os Editores*.

D'elle destacamos este periodo:

«O novo livro do snr. Vieira de Castro ha-de, cremos, augmentar-lhe os gabos. A biographia está no prelo, e sahirá brevemente tendo de ser logo traduzida para francez em folhetins da *Presse*, onde o livro do snr. Vieira de Castro servirá de prologo aos romances do snr. Camillo Castello Branco, que serão publicados no primeiro jornal de França como acaba de combinar-se entre o nosso eximio escriptor e um dos primeiros redactores d'aquella folha, Mr. Lendrim.»

Poderá algum dos nossos leitores informar algo ácerca das projectadas traducções a que, em nenhum outro lugar, vimos a menor referencia?

2 — Os *Sermões de Camillo*. Diz ainda Vieira de Castro, no livro citado na pergunta acima (1):

«Queria fallar agora dos *Sermões* de Camillo, com que se fem engrandecido o pulpito portuguez. Ha ahí clerigos que lhe devem a honrosa nomeada que negociaram nos templos. Eu não podia dizer mais sem magoar reputações que preso com a opinião publica. Oxalá que o poeta fallasse nos labios de tanto garraio estúpido que por ahí anda a enxotar das igrejas o sentimento da fé e a luz da crença!»

Algum d'estes sermões terá sido publicado? Quando? e onde?

(1) A fl. 107 da 2.<sup>a</sup> edição.



## Ligeiros apontamentos sobre a tradução italiana do "Amor de Perdição"



Sr. Alberto Pimentel, que tanto se tem dedicado a estudos de investigação sobre a vida e obra do glorioso romancista — Camilo Castelo Branco, o maior de todos — não pôde tratar, como queria, da tradução italiana do *Amor de Perdição*, no livro sobre esta novela, que ultimamente fez publicar, porque não encontrou um único exemplar, apesar dos esforços que empregou, e faz um apêlo para um feliz acaso, que não lhe parecia muito provável, mas que felizmente se deu, tendo sido encontrado um exemplar na Biblioteca de Milão, além do que me per-  
tence.

Este exemplar foi mandado vir directamente pelo meu amigo Henrique Marques, que o vendeu mais tarde ao falecido camillianista Faria, a cujos herdeiros o comprei.

O livro faz parte de uma publicação mensal de lira e meia, intitulada: *Scelta di buoni romanzi stranieri*—directada—*Salvatore Farina*—e tem o n.º 9 da VIII série.

E' um volume in-8.º de 199 páginas, das quais o *Amore Sfrenato* ocupa as primeiras 187; as restantes são preenchidas pelo conto *Bat-Boroo*, cujo autor não vem mencionado.

Foi impresso em Milão em 1883, na tipografia Pagnoni e diz no rosto:

*Camillo Castello-Branco* / *Amore sfrenato* / (*Storia di una Famiglia*) / *Versione dal portoghese di Daniele Rubbi* / *Milano* / *Alfredo Brigola & Comp., Editori* / *Via Alessandro Manzoni, n. 5*, e tem mais o monograma dos editores com a seguinte legenda: *Utile Dulci*.

Creio não ser erro dizer que a tradução não foi feita dire-

ctamente do português mas da espanhola, compulsando, talvez, o original, o que se vê facilmente cotejando as duas.

Tanto n'uma como na outra não existe a divisão do romance em primeira e segunda parte, como nas edições portuguesas posteriores às de 1862 e 1864 (1.ª e 2.ª).

Ignoro se a segunda edição de 1864 ainda conserva esta divisão, porque não consegui ver nenhum exemplar. O sr. Lima Calheiros, na sua *Camilliana* diz existir um exemplar na Biblioteca do Porto; procurei-o ali mas não foi encontrado.

O tradutor italiano alterou a numeração dos capítulos; assim, juntou n'um o quinto e sexto do original, e fez o mesmo ao nono e décimo da segunda parte do primeira edição (19 e 20 das outras) e dividiu em dois o quinto da segunda parte (xv) terminando o primeiro no seguinte período de pag. 185 (1):

"Chegou o ferrador a Monchique a tempo que o official de justiça, dois medicos e Thadeu de Albuquerque entram no pateo do mosteiro."

Ficou portanto a versão italiana com dezanove capítulos além do prefácio e conclusão.

A tradução segue sempre o original, apenas com alguns cortes, os mesmos da espanhola, e mais uns três que depois indiquei e são:

Pag. 52 da tradução, linha 9.ª, que corresponde à pag. 63 do original, linha 10.ª: "... e subiam a ladeira..." e a seguir "—Arriba!— exclamou João da Cruz— que não vão elles metter-se á estrada, se mataram o fidalgo."

Pag. 56, depois da linha 22.ª (pag. 69, linha 11.ª do original) —"O arrieiro conduziu o cavallo, que pacificamente estivera tozando a relva das paredes marginaes da estrada..."

Pag. 90, linha 18.ª (pag. 116, linha segunda do original) "... e o queixo superior escorrendo lagrimas... de simonte."

Pag. 105, depois da 6.ª linha (pag. 135, 6.ª linha) "... Quando D. Rita acudiu, já elle estava enfiando os calções ás avessas."

Pag. 117, depois da última linha (pag. 153, 10.ª linha) "... Os robustos braços que o levaram eram os de seu pai."

Pag. 170, depois da 4.ª linha (pag. 224, linha 18.ª) que é o maior:  
"... E accetal-o-ias, por ventura, se amasse o céu, onde The-  
reza bebia o ar que nos pulmões se lhe formava em peçonha?  
Creio: — antes a masmorra, onde pôde ouvir-se o som abafado de  
uma voz amiga; antes os paroxismos de dez annos sobre as lages  
humidas d'uma enxovia, se, na hora extrema, a ultima faisca da  
paixão, ao bruxolear para morrer, nos alumia o caminho do céu

(1) As referências são feitas à 1.ª edição de 1862.

por onde o anjo do amor desditoso se levantou a dar conta de si a Deus e a pedir a alma do que ficou.»

Pag. 178, 6.<sup>a</sup> linha (pag. 236, 20.<sup>a</sup> linha) «... ou a propria imaginação o estivesse dialogando consigo.»

Os côrtes que a tradução espanhola não tem a pag. 118, 26.<sup>a</sup> linha (9.<sup>a</sup> linha a pag. 154)—«Eu cá de mim já vi enforçar tres, que me lembre, todos por matadores».

A pag. 147, linha 23.<sup>a</sup> (23.<sup>a</sup> linha da pag. 194) «...—Repliou Manoel».

A pag. 184, depois da última linha (24.<sup>a</sup> linha da pag. 25) «Pasmosa serenidade a d'esta pergunta.»

Em ambas as traduções foi traduzido «mirante» por «jardim» (pag. 118, linha 25.<sup>a</sup>) e «esturrinho» por «tabaco brasiliano», no italiano (pag. 77, 20.<sup>a</sup> linha).

As notas do tradutor espanhol foram reproduzidas na tradução italiana excepto as de pag. 7 e 128 <sup>(1)</sup> referentes à equivalência de moeda, as de pag. 8 e 171 que indica ser o «Supremo de Justicia» que correspondia ao Desembargo do Palácio, a de pag. 117 que diz que *casa* corresponde a «mayorazgo», e as de pag. 190 e 203 que se referem respectivamente a D. João VI e a Jau.

Todas as notas do *Mestre* foram respeitadas, com excepção da de pag. 7: «E' a casa-palacio da rua da Piedade, hoje pertencente ao doutor Antonio Gerardo Monteiro».

A tradução é de 1883, mas apesar de ser posterior à 5.<sup>a</sup> (que é de 1879), não tem as notas d'esta, o que ainda vem comprovar que foi feita sobre a espanhola que é de 1872, sete anos anterior.

São estas as notas mais importantes que coligi à pressa e que devem interessar todos os camilianistas.

Olivais, Setembro de 1915.

LUIZ FERREIRA DE LIMA.



(1) Refere-se à tradução espanhola.

## TRIFEIRO

Sob a egide de tão respeitavel alcunha appareceu, pois, esse inconfundivel jornal, o mais completo repositório de noticias portucalenses, de todos os tempos, profusamente illustrado e soberbamente redigido pelos mais sabedores historiophilos portuguezes.

Teve o condão de ser recebido com agrado, em toda a parte, por velhos e novos, por pessoas de todas as condições sociaes e todos os matizes politicos, porque a todos offerecia meios de augmentar o seu cabedal de conhecimentos historicos, de avivar recordações de melhores tempos, d'esses que vão longe, e de fornecer elementos para interminaveis palestras em familia.

Emfim era um jornal que se lia, que se apreciava, que se saboreava, que se colleccionava porque tinha condições de interesse e de merecimento que o tornavam tão imprescindivel na estante do estudioso, como na de quem o adquiria por simples desfastio.

Para se julgar da sua importancia historica e patriotica bastará dizer que

*A Camara Municipal do Porto, em sua sessão de 3 de Setembro de 1908 e a Camara Municipal de Villa Nova de Gaya, em sessão de 1 de Outubro do mesmo anno, accederam a que ao Tripeiro fosse permittida a consulta e a reprodução dos documentos dos seus respectivos archivos que offerecessem valor historico;*

que tendo sido offerecido á Ex.<sup>ma</sup> Camara Municipal do Porto um exemplar do 1.<sup>o</sup> volume de *O Tri-*

## ○ TRIPEIRO ○

*peiro*, foi resolvido, por proposta do Vereador Ex.<sup>mo</sup> Snr. Dr. Corrêa Pacheco que *fosse collocado entre as obras de maior apreço* da Bibliotheca Municipal. (Sessão de 11 de Novembro de 1909);

e que tendo sido offerecido outro exemplar á Camara Municipal de Lisboa, mereceu ao seu dignissimo presidente Ex.<sup>mo</sup> Snr. Anselmo Braamcamp Freire o honroso qualificativo de *trabalho muito interessante e patriotico, primorosamente redigido*. (Sessão de 3 de Dezembro de 1909).

Estão publicados 3 volumes d'essa magnifica obra, cada um de 576 paginas, profusamente illustradas de gravuras sobre assumptos exclusivamente portuenses.

### PREÇO DE CADA VOLUME:

Em brochura . . . . .	1\$80 (1\$800 réis)
Cartonado . . . . .	2\$00 (2\$000 » )
Encadernado em percalina . . . . .	2\$50 (2\$500 » )

Para as pessoas que preferirem adquirir *O Tripeiro* numero a numero, mantem-se permanente a assignatura a 40 réis cada um, em todas as livrarias do Porto e na

**Redacção**

RUA FORMOSA, 199

PORTO